

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Curso de Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos



Trabalho de Conclusão de Curso

**A importância das estratégias de leitura na atuação do profissional revisor de
textos**

Aline Schmid Schaun

Pelotas, 2018

Aline Schmid Schaun

**A importância das estratégias de leitura na atuação do profissional revisor de
textos**

Trabalho acadêmico apresentado ao Curso de Bacharelado em Letras - Redação e Revisão de Textos, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Redação e Revisão de Textos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cleide Inês Wittke

Pelotas, 2018

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Edla, pelo apoio e incentivo ao estudo e, principalmente, por sempre acreditar que eu seria capaz de conquistar o diploma de graduação.

Ao meu marido, Roger, que, mesmo enfrentando meu mau humor e estresse, nunca deixou de me apoiar, de me incentivar e de me fazer acreditar que, sim, era possível eu chegar a mais esta conquista.

À minha sogra, Laura, que com suas deliciosas refeições, feitas com carinho, proporcionou-me maior disponibilidade de tempo para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos, que, mesmo sem entenderem ao certo a finalidade do curso trilhado, sempre compreenderam todos os “nãos” que precisei dar aos convites feitos para sair.

Aos meus colegas do RRT, pelas ajudas, trocas de experiências e aprendizagens ao longo desses anos, por me incentivarem a nunca desistir do curso e por serem amigos e companheiros nas horas difíceis.

Aos professores do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas que tive a oportunidade de conhecer, em especial à Prof.^a Dr.^a Cleide Inês Wittke, que, além de orientar este trabalho, mostrando-se sempre dedicada, muito me ensinou e auxiliou do decorrer da graduação.

Muito obrigada a todos vocês!

RESUMO

SCHAUN, Aline Schmid. **A importância das estratégias de leitura na atuação do profissional revisor de textos.** Monografia. 92f. (Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar as diferentes estratégias de leitura e de correção que o profissional revisor efetua ao revisar textos, ressaltando a importância dessas habilidades como instrumentos de trabalho. Para tanto, foram utilizadas, na investigação bibliográfica, as obras de Malta (2000), Oliveira (2010) e Coelho Neto (2013), as quais versam sobre a atividade de revisão sob diferentes aspectos e também sobre as etapas a serem desenvolvidas nesse processo. No que se refere à leitura, suas estratégias para a construção de significados do texto, bem como suas contribuições para aquisição de conhecimentos, foram utilizadas as obras de Solé (1998), Koch (2015) e Kleiman (2016). Para a coleta do *corpus*, elaboramos uma pesquisa, a qual foi dividida em duas etapas, entre elas a solicitação de revisão de um texto e o preenchimento de um questionário. A fim de investigar e entender de que forma o processo de revisão é efetuado, a análise dos dados coletados foi desenvolvida com base nas atuações dos revisores e nas leituras que fizeram do texto-base, bem como nas respostas obtidas por meio do questionário, respondido por cinco profissionais, participantes voluntários desta pesquisa.

Palavras-chave: revisão de textos; leitura; trabalho do revisor.

ABSTRACT

SCHAUN, Aline Schmid. **The importance of reading strategies in the work of the professional reviewer of texts.** Monography. 92f. (Bachelor of Letters - Writing and Proofreading) – Center of Letters and Communication, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

The present work aims to identify and analyze the different strategies of reading and correction that the reviewer makes when revising texts, emphasizing the importance of these skills as working tools. For this purpose, the works of Malta (2000), Oliveira (2010) and Coelho Neto (2013) were used in the bibliographical research, which deal with the review activity under different aspects and also the stages to be developed in this process. In reading, its strategies for constructing meanings of the text, as well as its contributions to knowledge acquisition, were used the works of Solé (1998), Koch (2015) and Kleiman (2016). For the *corpus* collection, we elaborated a research, which was divided in two stages, among them the request for a text revision and the filling out of a questionnaire. In order to investigate and understand how the review process is performed, the analysis of the collected data was developed based on the reviewers' performances and the readings they made of the base text, as well as on the answers obtained through the questionnaire, answered by five professionals, volunteer participants of this research.

Keywords: text revision; reading; reviewer's work.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipos e exemplos de desvios existentes no texto-base.....	46
Tabela 2 – Questões de 1 a 4: respostas dos revisores.....	51
Tabela 3 – Questão 5: respostas dos revisores.....	54
Tabela 4 – Questão 8: respostas dos revisores.....	55
Tabela 5 – Questão 11: respostas dos revisores.....	60

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A REVISÃO DE TEXTOS E O PAPEL DO REVISOR.....	11
2.1. A revisão textual.....	11
2.1.1. A revisão e o copidesque.....	16
2.2. O revisor de textos.....	17
2.3. As etapas da revisão.....	21
3. O TEXTO – OBJETO DE TRABALHO DO REVISOR.....	26
4. A LEITURA E A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO NO TEXTO.....	32
4.1. As estratégias de processamento do texto e as expectativas do leitor.....	39
4.2. As leituras específicas de um revisor de textos.....	41
5. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS.....	45
5.1. Procedimentos metodológicos.....	45
5.2. Análise dos dados coletados.....	48
5.2.1. Análise da revisão efetuada pelos revisores voluntários desta pesquisa.....	48
5.2.2. Análise das respostas dadas ao questionário.....	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS.....	67
ANEXO 1.....	68
ANEXO 2.....	69
ANEXO 3.....	71

1. INTRODUÇÃO

Apesar de a revisão textual ser uma prática profissional antiga, pouco se ouve falar dos profissionais que atuam nessa área. Em vista disso, ainda há muitas pessoas que desconhecem os processos pelos quais os textos passam, ou, pelo menos, deveriam passar antes de chegarem às mãos dos leitores. Há, também, o desconhecimento sobre o próprio ofício de revisão e sobre o modo como ele é exercido. As pessoas, na maioria das vezes, acreditam que qualquer profissional que domina a gramática e a ortografia da língua pode efetuar essa tarefa.

Essa visão, em relação ao revisor, é equivocada, pois esse profissional, para exercer um bom trabalho, deve dispor de amplos conhecimentos, não só sobre as regras da língua com a qual atua, mas também em relação aos próprios conhecimentos gerais, encyclopédicos e de mundo, necessários a uma revisão competente.

Como dito, o trabalho do revisor de textos não é apenas o de corrigir desvios gramaticais, tais como desvios no uso de pontuação, acentuação e de regência, por exemplo. Revisar é bem mais do que isso, portanto, só o domínio de regras gramaticais não é suficiente. Ter conhecimentos que vão além das questões de forma também é importante e necessário, visto que o papel do revisor é fundamental na construção do(s) sentido(s) de um texto, seja ele oral ou escrito. O revisor, além de transformar ideias mal formuladas e desconexas em dizeres claros e compreensíveis, tem o compromisso de orientar o autor sobre o modo como ele deve se expressar para que sua mensagem fique clara ao leitor.

Considerando que o revisor é aquele profissional de quem é cobrada a adequação de linguagem em um texto, é essencial que ele tenha bons conhecimentos linguísticos. Para isso, a leitura torna-se fundamental. É ela que fornece ao revisor a bagagem para tratar dos dizeres escritos por outras pessoas. Ou seja, o revisor, ao tornar a leitura um hábito, passa a dominar diferentes assuntos, das mais variadas áreas do conhecimento. Com a prática, ele consegue compreender melhor a diferença entre tipo e gênero textual, percebendo com maior facilidade os estilos de escrita de seu cliente/autor.

Conforme alguns teóricos¹, o revisor difere de um leitor comum por ler os textos de modo crítico, com o intuito de encontrar possíveis problemas. Além disso, esse profissional desenvolve uma forma de leitura a partir da qual age como decisor linguístico (e também discursivo), pois verifica a estrutura, o conteúdo e o sentido, respeitando, entretanto, os limites profissionais de sua atuação. Portanto, o sujeito que se inclina à profissão de revisar textos deve, acima de tudo, ser um apreciador de textos (impressos e on-line), um bom leitor, pois a leitura, via estudos, fará parte de sua rotina, uma vez que todo profissional, especialmente o de Letras, precisa manter-se sempre atualizado.

Assim sendo, uma pesquisa que objetiva estudar sobre os manuais de revisão se faz significativa, visto que contribuirá tanto para o trabalho dos futuros profissionais da área quanto daqueles que já exercem a profissão de revisão. Nessas condições, nosso foco de estudo se centra no processo de revisão de textos. Buscamos mostrar, por meio de teorias voltadas ao estudo da linguagem, quais são as etapas de uma revisão e também a visão de alguns teóricos sobre a leitura e a compreensão no processo de correção de textos, bem como sua contribuição para a construção de conhecimentos.

Para tanto, refletimos sobre as diferentes estratégias de leitura e de correção textual que, de fato, o revisor efetua ao realizar o processo de revisão. Também investigamos se esse profissional faz uso de técnicas de revisão indicadas pelas obras tradicionais, tais como *Manual do Revisor*, de Luiz Roberto S. Malta (2000), *Revisão de Textos: da prática à teoria*, de Risoleide de Oliveira (2010) e *Além da Revisão – Critérios para revisão textual*, de Aristides Coelho Neto (2013), traçando um estudo comparativo entre os procedimentos sugeridos e aqueles efetivamente empregados pelos revisores.

Por fim, com vistas a alcançar os objetivos desta pesquisa, selecionamos revisores em atuação no mercado de trabalho e fizemos uma entrevista com eles, convidando-os a fazerem a revisão de um texto. Solicitamos que descrevessem o modo como exercem a tarefa de revisar, na tentativa de melhor entender o funcionamento desse processo, no cotidiano de um profissional da área. A partir das respostas dadas na entrevista, identificamos qual é a formação, onde atuam e como esses profissionais veem a leitura no exercício de sua profissão. Essas

¹ Cf. Coelho Neto (2013), Oliveira (2010) e Malta (2000). As referências completas dessas obras encontram-se no final desta pesquisa.

investigações foram efetuadas via *on-line*, ou seja, tanto o questionário quanto o texto a ser revisado foram encaminhados por e-mail.

Feita a introdução, passamos à apresentação da fundamentação teórica norteadora desta pesquisa e dos procedimentos metodológicos adotados. Na sequência, desenvolvemos a análise dos dados coletados, na qual observamos as revisões feitas no texto-base, bem como as respostas dadas ao questionário e, por fim, fizemos a exposição das considerações finais de nosso estudo.

2. A REVISÃO TEXTUAL E O PAPEL DO REVISOR

O objetivo deste capítulo é compreender como funciona a revisão textual, ressaltando a importância do profissional que atua nessa área. A partir de uma pesquisa bibliográfica, buscamos esclarecer conceitos sobre o tema, com foco especial no texto, mostrando quais são as etapas de revisão descritas por Malta (2000), Oliveira (2010) e Coelho Neto (2013), autores que tomamos como referência nessa abordagem, além de outros que não só falam em etapas da leitura, mas também abordam a questão sob uma perspectiva do texto.

2.1 A revisão textual

O texto, objeto de trabalho do revisor, não é um simples acúmulo de palavras ou de frases; o definimos como uma manifestação linguística verbal – oral ou escrita – ou mesmo não verbal², que expressa os pensamentos e as ideias de um autor. Nesse sentido, Medeiros (2000, p. 118) diz que o “Texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as idéias formam um todo coeso, uno, coerente. A imagem de tecido contribui para esclarecer que não se trata de feixe de fios (frases soltas), mas de fios entrelaçados (frases que se inter-relacionam)”.

Assim, para um texto ser considerado bem redigido, precisa conter elementos apontados como essenciais na sua construção, bem como ser conciso e preciso, isto é, o texto deve ser redigido de maneira clara e simples, sendo coerente no que diz respeito ao conteúdo, às ideias e às informações apresentadas, além de ter uma adequada ligação entre os parágrafos. Seguindo essa perspectiva, Medeiros (2000, p. 118.) esclarece que:

Todas as partes de um texto devem estar interligadas e manifestar um direcionamento único. Assim, um fragmento que trata de diversos assuntos não pode ser considerado um texto. Da mesma forma, se lhe falta coerência, se as idéias são contraditórias, também não constituirá um texto. Se os elementos da frase que possibilitam a transição de uma idéia para outra não estabelecerem coesão entre as partes expostas, o fragmento não se configura um texto.

² Comunicação não verbal é entendida aqui como aquela que não é feita pelos sinais verbais nem pela fala, nem pela escrita; é construída por gestos, imagens, figuras, postura corporal, tons de voz etc.

Escrever com clareza e de maneira adequada é, para muitas pessoas, na maioria das vezes, uma tarefa árdua, pois um texto pode até conter boas ideias e bons argumentos, mas, se forem mal formulados, comprometerão a clareza do sentido produzido. Algumas dúvidas podem surgir no momento em que um texto é produzido, tanto em questões aparentemente simples referentes à pontuação e à ortografia, por exemplo, quanto em outras mais específicas, como o uso de preposições ou a conjugação adequada de um verbo. Logo, para que um texto tenha qualidade, seja objetivo e possa transmitir a mensagem de forma eficiente, com sentido claro, é necessário e indispensável que passe por uma revisão antes de ser considerado pronto para ser publicado e lido.

A revisão textual é uma prática a ser realizada após a produção de qualquer texto, com a finalidade de fazer adequações de linguagem e ajustar as imperfeições referentes ao uso dos recursos de coesão e de mecanismos de coerência, bem como de estrutura frasal e textual, tendo em vista a clareza da mensagem. É necessário averiguar a precisão e a clareza das ideias emitidas no texto e suas relações de sentido, de adequação dos termos utilizados em determinado contexto, dos aspectos gramaticais referentes ao uso da ortografia, da regência, da concordância, do vocabulário e de repetições de palavras. O revisor também tem como objetivo verificar se o texto, dependendo do gênero textual, apresenta os requisitos essenciais para exercer sua funcionalidade comunicativa. Nessa ótica, a revisão textual torna-se fundamental a todo texto que será divulgado, ou seja, é por meio dela que se procura levar ao leitor, de forma clara e objetiva, a mensagem expressa pelo autor.

Seguindo a mesma linha teórica de que a revisão textual vai além de corrigir os aspectos gramaticais de um texto, Cavalcante (2011) defende que a revisão, além de possuir caráter gramatical, também é estilística. Esse ponto de vista mostra que só o domínio de regras gramaticais, e mesmo estruturais, não é suficiente, pois se assim fosse, qualquer pessoa com bom conhecimento de gramática poderia exercer a função de revisor. Nesse sentido, a autora afirma que:

Revisar [...] é também saber perceber alguns aspectos textuais, como a obediência à estrutura frasal ou as [sic] repetições desnecessárias, além do domínio semântico. Possuir o conhecimento que vai além das questões de forma também é preciso. Porém, o principal da profissão é justamente a riqueza e a possibilidade de fazer pesquisas. É por meio dela que se consegue analisar a linguagem, percebendo-se se ela está adequada ao objetivo e à mensagem do autor, assim como por meio dela é possível verificar o seu sentido. (CAVALCANTE, 2011, p. 55)

Nessa ótica, depois de finalizado, todo texto, principalmente o escrito, precisa ser relido e revisado pelo próprio autor, com o propósito de minimizar possíveis falhas, incoerências e inadequações. No entanto, essa revisão, para a pessoa que está diretamente envolvida na criação, é um tanto difícil, pois ela fica muito próxima de seus pensamentos, impedindo, às vezes, de perceber os erros cometidos. Isto é, um longo período de envolvimento com o processo de criação de um texto pode impedir que determinados desvios de construção de sentido sejam percebidos, mesmo na leitura de pessoas acostumadas a escrever. Sob essa perspectiva, Coelho Neto (2013) afirma que acontece de, às vezes, o autor não enxergar alguns erros obscuros que constam no seu texto pelo fato de ele estar em constante e exaustivo contato com a criação, o que tende a não ocorrer com um leitor externo, afastado do dizer.

Para justificar o exposto, recorremos a outros dizeres do autor, quando o estudioso defende que “É na revisão textual consciente, detalhista, competente, que o conteúdo vai ser aprimorado, no que diz respeito à coesão e à coerência, aos erros ortográficos, aos erros conceituais, enfim, aos deslizes praticados pelo autor” (COELHO NETO, 2013, p. 58). Isso confirma a necessidade de outra pessoa - aquela que não possui vínculo direto com o texto, função do profissional revisor - fazer a correção e as modificações necessárias para qualificar a mensagem.

É também função de um revisor fazer a padronização do texto como um todo. Ou seja, é necessário que, em seu trabalho diário, ele verifique se as citações, as referências e as notas de rodapé estão dentro das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), assim como confira se o texto está adequado ao gênero textual no qual se enquadra e vai circular. Segundo Oliveira (2010, p. 135),

[...] é necessário, por parte do revisor, reconhecer que os materiais com os quais ele trabalha no dia a dia estão inseridos nos gêneros mais diversos. Estes, por sua vez, são constituídos de temas, construções composicionais e estilos que, embora geralmente submetidos às imposições linguísticas e sociais que permeiam todo ato de dizer, também podem ser flexíveis, dependendo de onde e para quem o autor está escrevendo, o que implica considerar as condições de produção, circulação e recepção.

Como se pode ver, ao revisor de textos não compete apenas fazer uma leitura para minimizar as inadequações linguísticas e gramaticais, pois a norma culta “não corresponde a vários questionamentos detectados pelo revisor relacionados com o querer-dizer do autor, lapsos de memória, falhas de escritura, entre outros aspectos que só um profissional com certa experiência pode identificar” (OLIVEIRA, 2010, p. 42). Dessa forma, podemos afirmar que a atividade de revisão vai além da adequação de regras gramaticais. Ela serve também para fazer ajustes referentes às estruturas textuais, ao uso adequado dos gêneros, sendo capaz de organizar e até mesmo normatizar, quando necessário, as ideias confusas e imprecisas do autor, de modo que se tornem mais nítidas e objetivas ao projeto comunicativo em questão.

Então, saber reconhecer as diferenças entre os tipos e os gêneros textuais, dominar as variadas regras que existem para fazer a padronização de um texto, atentar para as condições de produção, recepção e circulação do que é escrito, bem como compreender e atender às necessidades de cada cliente, de cada material a ser trabalhado é muito importante. Enfim, o bom resultado do trabalho do revisor de textos está inteiramente relacionado com o entendimento dessas questões, bem como da maneira como ele as utiliza em seu trabalho diário.

É importante que se discuta também sobre o modo como o termo revisão tem sido utilizado por diversos revisores, isto é, sobre a maneira como se comprehende e emprega o termo revisão, seja como correção de elementos gramaticais, seja como reescrita ou, até mesmo, como orientação textual. Esses procedimentos, de certa forma, convergem, mas variam conforme as habilidades do revisor, o local de trabalho, bem como as atividades que lhe são atribuídas. Inclusive, podem influenciar no valor dos serviços prestados, caso o revisor atue como profissional *freelancer*, ou seja, de forma autônoma.

Sendo assim, o profissional que atua nessa área precisa saber organizar seu trabalho conforme a demanda de textos e a necessidade de cada cliente, visto que a revisão pode ser desempenhada de diferentes maneiras. Nesse sentido, Lemos

(2017, p. 34, 35) explica que o revisor pode variar sua atuação, o que dá origem a diferentes denominações como: “revisão linguística, revisão gramatical, revisão de originais, revisão técnica, revisão de conteúdo, revisão de prova e assim por diante”.

Assim como existem variados tipos de revisão, Orlandi (2014, p. 23) afirma que “também há diferentes profissionais encarregados dessa atividade, os quais adotam posturas distintas”. Apesar disso, é importante que essas pessoas saibam das exigências da profissão, uma vez que ela demanda preparo, atenção, comprometimento, conhecimento específico e de mundo. Aliás, essas capacidades não garantem a total eliminação dos problemas existentes no texto, pois pode ocorrer de, às vezes, o revisor falhar e não perceber alguns deslizes praticados pelo autor. Afinal, o revisor é “alguém que não sabe de tudo e também tem dúvidas; como tal, ele próprio tem de consultar dicionários e gramáticas; alguém que, tendo consciência das suas limitações, também tem noção da utilidade daquilo que faz” (FIDALGO, 2014, p. 67).

De certa forma, quando um texto é submetido à revisão, o revisor passa a ter poder e influência sobre ele, pois o revisa e o ajusta de acordo com o que acha ser correto e adequado. Nesse caso, cabe ao autor acreditar e confiar no trabalho desse profissional, que consiste em cumprir, da melhor forma possível, o que lhe foi requisitado, garantindo, assim, um texto de qualidade e a satisfação do cliente. Conforme Fidalgo (2014, p. 10),

o revisor é também um prestador de serviços e, por isso, tal como em todas as relações de natureza comercial, um dos seus principais objetivos deve ser a fidelização dos clientes satisfazendo as exigências destes, pois só dessa forma conseguirá garantir a manutenção de sua atividade e, claro, dos seus rendimentos.

Enfim, o profissional que atua na área precisa estar sempre atualizado, não só em relação às questões de linguagem e de língua, aos conhecimentos de mundo e culturais, mas também no que diz respeito às novas tecnologias, que, se bem utilizadas, são grandes aliadas para agilizar seu trabalho. Como visto, é essencial que o revisor saiba lidar com as necessidades de cada cliente, para, assim, estabelecer uma relação de confiança e respeito mútuos.

2.1.1 A revisão e o copidesque

Segundo Malta (2000), a palavra copidesque (oriunda da expressão inglesa *copy desk*) é o que define a tarefa de retrabalhar e reescrever um texto original. Essa atividade, assim como a de revisão, tem por objetivo melhorar a mensagem escrita, porém com critérios distintos. A prática de copidesque consiste em efetuar algumas transformações no texto, tais como alterar ou suprimir palavras e simplificar, quando necessário, frases longas ou mesmo a ordem de alguns trechos e parágrafos. Todas essas modificações são realizadas com o intuito de tornar o texto legível, coeso e coerente ao leitor, mas sem perder o estilo e as intenções do autor.

Se comparada com a revisão, a atividade de copidesque consiste em um trabalho mais exigente e difícil de ser realizado, não só pela questão de estilo, mas também por tratar de questões semânticas, do querer dizer do autor e de seus objetivos. Por esse motivo, faz-se necessário, por parte do revisor, o conhecimento de técnicas de redação, não só para apontar falhas em um texto quanto para atuar como copidesque, visto que ambas as práticas podem ser desempenhadas pelo mesmo profissional.

Conforme Malta (2000), tem ocorrido com mais frequência que as editoras aprovem a edição de textos ricos em ideias, porém mal redigidos, com diversos tipos de problemas. Na opinião de Coelho Neto (2013, p. 136), “Há textos ricos em conteúdo mas que não resistem a uma análise acurada. É nessa hora que revisor (ou o copidesque) tem de exibir o seu conhecimento de leitura, de cultura geral, e sua habilidade na produção de texto, conferindo clareza ao trabalho”. Malta (2000) afirma ainda que, mesmo diante de um texto com diversos problemas, o bom senso e o profissionalismo exigem que o revisor/copidesque seja fiel ao conteúdo escrito, uma vez que copidesque que sai reescrevendo um livro, ou uma tradução, por exemplo, está querendo mostrar serviço.

No entender de Coelho Neto (2013), acontecem casos em que o autor não tem formação necessária para resolver os problemas apontados pelo revisor. Nessas situações, se acordado for, o profissional revisor pode executar a atividade de copidesque. No entanto, nem todo revisor está capacitado para tal tarefa, pois, “conforme o teor do texto, exigirá alguém que, além de redigir, acumule experiência

e sensibilidade, de modo a assimilar o estilo do autor, para que o resultado final não pareça um ‘concerto a quatro mãos’” (p. 135).

Com o intuito de evitar mal-entendidos, Coelho Neto aconselha o revisor a definir seu objeto de trabalho: se fará revisão ou copidesque. Se for revisão, o profissional vai limitar-se somente a essa ação. Ou seja, é preciso que o revisor comprehenda a diferença entre essas duas técnicas (esses dois procedimentos) para não exceder seus limites como profissional. Entretanto, pode acontecer de o revisor, mesmo estabelecendo com o autor o trabalho de revisão, após a leitura, precisar atuar como copidesque, considerando a quantidade de problemas existentes no texto. Por essa razão, é importante e necessário o revisor manter diálogos francos e precisos com seus clientes, a fim de evitar futuros contratemplos.

2.2 O revisor de textos

O revisor é um profissional capacitado a interferir e qualificar um dizer, visando sempre à melhoria da mensagem expressa. É responsável por corrigir as falhas encontradas em uma obra, podendo fazer simples substituições de palavras mal colocadas, como também a modificação de uma frase ou até mesmo de um parágrafo inteiro, se isso for acordado entre revisor e autor. O revisor, ao corrigir um texto, pode fazer alterações como: inclusões, cortes ou até remoções, com o objetivo de garantir que os elementos de coesão e de coerência, de ordem gramatical, estrutural (da frase e do parágrafo), de sentido estejam bem empregados.

Esse profissional precisa estar atento à construção do texto como um todo, tendo em vista sua produção, circulação e recepção, além de averiguar se a linguagem nele utilizada está adequada à intenção do autor. Qualquer mensagem proferida, seja ela oral ou escrita, tem como finalidade exercer a ação de comunicar. No caso de textos escritos, pode acontecer de o leitor não compreender o que o autor pretendia transmitir, pois, conforme afirma Coelho Neto (2013, p. 58), “qualquer autor, por melhor que seja, comete erros, emite conceitos incoerentes, é repetitivo, fica cego às vezes a coisas absurdas que o seu texto contém. Essa incapacidade de ‘enxergar’ é fruto comumente do seu contato diurno e exaustivo com a criação”.

Para que não aconteça esse tipo de situação citada por Coelho Neto, faz-se necessária a presença de um revisor atuando como um leitor crítico, o qual tem o dever de servir como apoio para o autor, ajudando-o, assim, a dar acabamento a seu texto. Coelho Neto diz ainda que cabe ao revisor realizar uma leitura a partir da qual ele possa atuar como *decisor linguístico* e se colocar ao mesmo tempo no lugar do público-alvo, sendo capaz de verificar não só a forma, mas também o conteúdo/sentido do que é escrito.

No entanto, para realizar um bom trabalho no que diz respeito ao suporte dado ao autor de um texto, e também ao próprio ato de corrigir, cabe ao revisor não só ter bom domínio da língua portuguesa, mas também conhecer os diversos tipos de textos (narrativos, descriptivos, argumentativos, expositivos, descriptivos, injuntivos), bem como ter conhecimento das funções, das expressões linguísticas adequadas a cada estilo e dos formatos de cada uma dessas sequências linguísticas, na medida em que exercem sua função social, enquanto gênero textual (MARCUSCHI, 2010).

O conhecimento e o domínio dos gêneros textuais são fundamentais ao revisor porque eles auxiliam na organização das atividades do dia a dia, cumprem funções sociais específicas e possibilitam a realização da intenção comunicativa. Os gêneros existem em grande quantidade, são, na verdade, inumeráveis e surgem de acordo com as necessidades e atividades socioculturais de uma sociedade. Os gêneros acompanham as inovações tecnológicas, isto é, as novas tecnologias, principalmente aquelas ligadas à área da comunicação, juntamente com a intensidade com que são utilizadas, propiciam o surgimento de novos gêneros textuais. Seguindo essa lógica, Marcuschi (2010, p. 19) declara que:

[...] os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Também sob uma perspectiva do texto e da interação, Koch (2015, p. 106) define os gêneros como sendo “constituídos de um determinado modo, com uma certa função, em dadas esferas de atuação humana”, o que, para a autora, são características que nos possibilitam (re)conhecê-los e produzi-los, sempre que

necessário. Todo gênero possui uma forma de composição, um conteúdo temático, um estilo e uma propriedade funcional; em contrapartida, essas também são particularidades que os diferenciam uns dos outros. A poesia, por exemplo, se constitui por estrofes e versos, o artigo de opinião se estrutura a partir da defesa de um ponto de vista e da seleção de argumentos que o defendem, e a tira humorística é composta por enunciados curtos, organizados em balões, que servem para representar a fala das personagens.

Considerando que o revisor de textos trabalha diretamente com essa importante ferramenta de comunicação, é indispensável que ele saiba que os gêneros não se definem por sua forma, mas por sua função e circulação social. Além disso, precisa ter consciência de que os gêneros podem sofrer variações, isto é, um gênero pode assumir o formato de outro e, mesmo assim, corresponder àquele gênero. Nesse sentido, Marcuschi (2010, p. 31) defende que “Não podemos defini-los mediante certas propriedades que lhes devam ser necessárias e suficientes. Assim, um gênero pode não ter determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero”.

Sendo assim, o conhecimento sobre as técnicas de produção textual e, por consequência, sobre os mecanismos de coesão e coerência se torna indispensável ao profissional revisor. Isso porque todo texto é formado por sequências linguísticas que constituem sentidos, manifestam ideias, visões e intenções de um autor, além de ser caracterizado como “uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual” (MARCUSCHI, 2010, p. 25).

Ter conhecimento sobre as características e o uso dos gêneros textuais faz do revisor um profissional apto a trabalhar com os mais variados textos que circulam socialmente, porém, isso exige muita dedicação e estudo, uma vez que novos gêneros surgem com frequência e é preciso adaptar-se aos seus usos sociais. Tal fato enfatiza ainda mais a importância de o revisor estar em constante atualização.

Para Oliveira (2010, p. 138):

[...] o revisor deve estar sempre atento às transformações e adequações por que passa seu material de trabalho: o texto, que pode se apresentar em diversos gêneros, elaborados pelas mais diferentes pessoas e instituições, nas mais variadas áreas de conhecimento e de atuação, daí a necessidade de o revisor estar sintonizado com o mundo da escrita, de considerar sua função social e discursiva.

Cabe também ao profissional do texto saber reconhecer as diversidades linguísticas, “saber das formas de expressão adequadas a cada situação: as polidas, as ceremoniosas, as diretas (sem rodeios), as informais, até mesmo as gírias, e as populares, que muitas vezes merecem ser preservadas num texto” (COELHO NETO, 2013, p. 77).

Como visto, a atividade de revisão exige desse profissional tanto conhecimentos específicos da área quanto conhecimentos gerais. Para Malta (2000), o revisor precisa estar sempre informado e atualizado e, ao longo de sua carreira, deve se dedicar aos estudos, recorrendo a cursos de reciclagem, à leitura de boas gramáticas e de manuais sobre o uso da linguagem e da língua. Nas palavras do autor, “Atualizar-se sempre, isso significa não só estar por dentro de eventuais mudanças na gramática e em acentuação/ortografia, mas também observar novos usos de palavras já existentes, os neologismos, as palavras que não possuem tradução ou aportuguesamento [...], novas locuções etc.” (MALTA, 2000, p. 28).

Além de ter a leitura como hábito e de estar em constante atualização, o revisor precisa estar ciente de que a língua, com o passar do tempo, sofre modificações, as quais ele precisa acompanhar e dominar. De um revisor, espera-se características como um bom conhecimento de mundo e uma ampla cultura geral. Nesse sentido, Malta (2000) assegura que “só gramática não basta. Só redigir ou reescrever bem também não é tudo” (p. 31). Dessa maneira, vemos que quanto mais instruído e preparado estiver o profissional revisor de textos, melhor será o resultado do seu trabalho, visto que lida com os mais diferentes gêneros textuais, nas mais diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, Oliveira (2010, p. 17) explica que:

[...] a revisão de textos constitui uma atividade relacionada com as questões de linguagem, presentes em várias instâncias da vida humana, como trabalhos escolares e acadêmicos, jornalísticos e publicitários, jurídicos e legislativos, em âmbito público, e ainda nas relações familiares, nas conversas entre amigos, nas conversas ao telefone, entre outras, em âmbito privado.

É importante ressaltar que a revisão não é feita somente em textos a serem impressos e repassados a leitores, tais como jornais, revistas, documentos oficiais, trabalhos acadêmicos etc., mas é realizada também em textos que, posteriormente,

se tornarão um discurso, ou seja, a fala de jornalistas, radialistas, apresentadores de televisão, palestrantes e políticos, pois praticamente todo dizer, antes de ser dito na televisão, no rádio ou em um evento, é elaborado por escrito. Conforme Squarisi (2011, p. 143, *apud* LEMOS, 2014, p.19), “quem liga o rádio e a tevê espera ouvir uma língua correta. Correta não significa rebuscada ou exibida. Significa apenas o elementar respeito a flexões, concordâncias, regências, pronúncias. Deslizes gramaticais não passam despercebidos”.

Em resumo, para realizar uma boa revisão textual, é fundamental que o revisor analise o texto de um modo geral, compreendendo o sentido, a mensagem que o autor quer transmitir, por meio do que está escrito. Além disso, o revisor não pode se deter somente a uma revisão ortográfica e sintática - deve levar em conta os fatores externos que interferem na construção de um texto, considerando todos os elementos que constituem seu sentido, o conjunto do dizer, bem como o estilo do autor. Nessa ótica, Oliveira (2010, p. 19) afirma que “concomitante à compreensão do texto ocorrem a avaliação e a definição de problemas, *daí porque o comportamento do revisor é diferente daquele do leitor comum*, uma vez que detecta e diagnostica eventuais problemas do texto e procura dar-lhes soluções” (grifo nosso).

Enfim, saber lidar com os diferentes tipos de textos que circulam por meio de variados gêneros textuais, fazer as modificações conforme a área em que o texto se enquadra, garantir que o sentido do mesmo esteja claro e preservar inalterado o estilo e a mensagem do autor são tarefas básicas de um revisor competente.

2.3 As etapas da revisão

Ao estudar as obras principais que servem de aporte teórico a esta pesquisa, por tratarem especificamente da prática de revisar textos e da atuação desse profissional, foi possível notar que, em todas elas, os autores orientam que o revisor somente comece seu trabalho em um texto depois de ter feito uma primeira leitura de todo o material, pois, assim, poderá familiarizar-se tanto com o conteúdo quanto com as intenções do autor.

No livro *Manual do Revisor*, Malta (2000) afirma que a leitura e a releitura fazem parte das técnicas de revisão. Desse modo, é preciso “Ler e reler; sem isso, não dá para confiar numa revisão” (p. 91). Sem dúvidas, o processo de leitura e de

releitura auxilia esses profissionais na análise dos textos na busca de deslizes e desajustes, com o propósito de corrigi-los. Com esse procedimento, o revisor consegue perceber detalhes que, à primeira vista, tendem a escapar de sua percepção, como é o caso de trechos confusos e incoerentes, desvios gramaticais e ortográficos, repetições do léxico, informações equivocadas etc. Por essa razão, o texto não pode ser lido uma única vez e de forma rápida, visto que o revisor precisa ter sua atenção redobrada em certos momentos para, assim, identificar falhas e incoerências que, em um passar de olhos, tendem a não serem vistas.

Na busca de melhorar a qualidade do texto escrito, esses deveriam ser lidos por mais de um revisor, entretanto, Malta (2000, p. 34) afirma que “salvo nas editoras de livros didáticos, que têm forçosamente de manter equipe de revisores, já não se faz mais revisão em dupla – o que aumenta a responsabilidade do revisor”. Dessa forma, os atuais e futuros revisores precisam ter ciência de que, ao exercerem a profissão como *freelancers*, por exemplo, de forma autônoma e individual, terão a total responsabilidade da revisão sobre si mesmo, já que não terão uma equipe com quem discutir, nem mesmo para fazer a divisão das tarefas. Nesses casos, a conquista de clientes dependerá diretamente da qualidade dos serviços prestados. Portanto, é necessário preparar-se bem e conscientizar-se da importância desse ofício, pois revisar “não é um trabalho compensador se o revisor o desempenha esporadicamente, ou irregularmente, ou se tem outro emprego” (MALTA, 2000, p.83).

Como já explicado anteriormente, quando se diz que os textos foram revisados, com certeza, foi necessária a realização de várias leituras, pois essa é uma das técnicas utilizadas pelos profissionais que trabalham em busca da melhoria da qualidade dos textos alheios. Segundo esse autor, há dois tipos de leitura: a comparada e a silenciosa. A leitura

‘comparada’ significa acompanhar, linha por linha, com uso de réguas, que vão sendo deslocadas de alto a baixo [...] o que está no original, detectando não só erros de digitação (ou de composição, termo antigo, ou de scanner), mas saltos – saltos de palavras, de linha(s), às vezes de períodos inteiros (p. 34, grifo do autor).

Leitura ‘silenciosa’ é a expressão usada para a releitura de uma prova uma vez terminada a leitura ‘comparada’. Antigamente, quando todas as revisões de 1 prova eram feitas em duplas, um revisor lia em voz alta o original e outro acompanhava, fazendo na prova as anotações de erros, saltos etc. Depois de terminada a leitura ‘comparada’, fazia-se a leitura silenciosa, isto é, relia-se de ponta a ponta a prova, para mais certeza, mais confiabilidade quanto à qualidade do serviço. (MALTA, 2000, p. 35, grifo do autor).

Em alguns momentos, o autor refere-se a saltos de palavras, o que define como a omissão de uma ou mais palavras na digitação de um texto. Além disso, há outra técnica de revisão que Malta menciona em sua obra: é a leitura em voz alta. Esse tipo de leitura, mesmo sendo um método bastante antigo na revisão de textos, ainda hoje é muito eficaz.

A leitura em voz alta faz com que o revisor atente-se à entonação de sua voz, ou seja, durante a leitura, ele se concentra na articulação das palavras e no ritmo³ que elas seguem. Se, em certo momento, o texto parece truncado, fazendo com que o revisor releia determinado trecho para, então, compreendê-lo, certamente, essa parte ainda precisa ser revisada. Esse dado reforça a importância das técnicas de leitura e releitura que o autor diz serem essenciais ao processo de correção de textos. Para Malta (2000, p. 91), “o domínio da técnica de revisão é tão importante para o revisor quanto o domínio da gramática, da ortografia quanto a boa bagagem de história, geografia, biologia, cultura geral”.

No livro *Revisão de Textos: da prática à teoria*, a linguista Risoleide de Oliveira (2010) considera importante mostrar o processo de revisão sob uma perspectiva que leva em conta não apenas os aspectos formais, estruturais e notacionais, mas também os discursivos e as relações de sentido. Com base nisso, a autora defende a ideia de que existem pelo menos três etapas para a realização da revisão textual.

Em uma primeira revisão, o profissional lê o texto buscando entender para quem (o possível leitor) e por quem (autor) ele está sendo produzido, observando suas condições de circulação e as questões de coesão e coerência. Em uma segunda revisão, o profissional relê o texto para analisar o uso das questões gramaticais e notacionais, como, por exemplo, a concordância verbal e nominal, a ortografia, a pontuação, a acentuação e o ajuste do texto às normas da ABNT, ou

³ A palavra articulação decorre do verbo articular, ou seja, unir, juntar, pronunciar (palavras ou fonemas) com distinção. Tanto a articulação quanto o ritmo podem ser observados pelo uso da pontuação, da acentuação e do som das palavras. Uma articulação bem definida transmite ao revisor a clareza da mensagem.

mesmo a outras que podem ser oferecidas por editores ou empresas com orientações específicas.

Somente após essas duas revisões cumpridas, o revisor iniciará a terceira delas, que consiste em debater com o autor os problemas encontrados no texto, com o intuito de sanar dúvidas para, assim, poder fazer as mudanças necessárias. “Nessa situação discursiva, é fundamental a postura do revisor como um profissional da linguagem, ou seja, um leitor atento, responsável, que pode contribuir para um melhor acabamento do texto” (OLIVEIRA, 2010, p. 114).

No entender da autora, o processo de revisão é composto por mais etapas, sendo os aspectos discursivos o ponto de partida e os aspectos estruturais o ponto de chegada. Em outras palavras, o revisor precisa analisar primeiro os enunciados e depois os elementos pontuais, gramaticais, pois, para a estudiosa da linguagem, o procedimento inverso pode descharacterizar os dizeres do autor.

Com a finalidade de identificar as diferentes estratégias e etapas da revisão textual, estudamos também o livro *Além da revisão: critérios para revisão textual*, de Aristides Coelho Neto (2013). Nessa obra, as etapas da revisão são descritas com base nos trabalhos realizados para editoras, porém, isso não as distancia daquelas já citadas anteriormente.

Assim como Oliveira (2010), Coelho Neto entende que a revisão textual propriamente dita realiza-se mediante três etapas. Segundo ele, a primeira revisão é aquela feita pelo revisor, constituída de no mínimo duas leituras e deve ser realizada por meio de comparação com os originais da obra. A segunda revisão consiste na comparação das emendas com os originais trabalhados anteriormente. Para ele:

Não se faz segunda revisão sem os originais com apontamentos da primeira revisão – estes são considerados documentos e devem ser arquivados, com vistas a dirimir eventuais dúvidas. O revisor pode perfeitamente, nessa fase, rever suas posições anteriores, ao proceder a nova leitura. (COELHO NETO, 2013, p. 108)

Ao comparar aquilo que foi estabelecido na correção e o que de fato foi corrigido em um texto, o autor diz ser comum encontrarmos erros que permanecem ou que foram introduzidos, os quais devem ser sanados.

A terceira e última etapa da revisão é descrita por Coelho Neto como aquela feita sobre a prova heliográfica, a chamada prova de prelo, pois simula toda a paginação de um livro ou revista. Tal prova é utilizada não só para verificar a correta

ordem das páginas e do sumário antes da impressão, como também para constatar se as páginas conferem e se há erros de digitação como, por exemplo, letras faltantes, problemas de acentuação ou mesmo erros ortográficos.

Pelo exposto, vemos que o modelo de revisão descrito por Coelho Neto é totalmente voltado à revisão de livros, quando há uma editora no controle da publicação. No entanto, é importante ressaltar que o profissional, ao revisar outros materiais, não seguirá necessariamente todas as etapas descritas pelo autor, principalmente se atuar como *freelancer*, visto que há aspectos específicos de cada contexto, os quais são determinantes ao procedimento adotado em uma revisão, a saber: ritmo, volume de trabalho e prazo para a finalização do mesmo.

Assim, pensando no volume, no tamanho da obra a ser revisada, o revisor faz um reconhecimento do material, somente depois disso avalia e começa o trabalho propriamente dito. Contudo, devido ao prazo estipulado pelo cliente para a finalização da revisão, que costuma ser curto, nem sempre é possível fazer a leitura completa do material e somente em um segundo momento iniciar a leitura com intervenções e ajustes. Por esse motivo, muitas vezes, para obter um diagnóstico do material a ser revisado, ter uma ideia geral do trabalho a realizar, o profissional analisa apenas alguns trechos do texto e não a obra como um todo.

A leitura de um material a ser revisado precisa ter objetivos específicos, dentre eles, destacam-se: se há uma compreensão do tema proposto, se o uso do vocabulário está apropriado e se o texto está claro ou há partes confusas. A partir dessas observações, verifica-se, então, se o texto está em conformidade com o gênero em questão. Em relação aos métodos utilizados para revisar um texto, Filgado (2014, p. 06, 07) declara que:

[...] a revisão pode ser vista simultaneamente como um processo e um produto – um processo, porque engloba uma série de procedimentos, técnicas e escolhas ao longo do respectivo período de execução; um produto, porque é sinónimo [sic] do próprio texto revisto, sendo, por isso, o resultado do processo que o antecedeu.

Concordamos com os dizeres da autora, uma vez que o ato de revisar textos exige do profissional a capacidade de avaliar, refletir e pesquisar. Para o revisor tomar decisões diante de um texto, é necessário que ele esteja convicto e seguro em relação a seus conhecimentos, pois isso influencia no seu desempenho e, consequentemente, na qualidade do seu trabalho.

3. O TEXTO – OBJETO DE TRABALHO DO REVISOR

Ao discorrer sobre a revisão textual e, portanto, sobre o trabalho do revisor, suas obrigações e responsabilidades, é imprescindível que se discuta também a respeito do principal objeto de trabalho desse profissional – o texto – em virtude de que ele pode ser compreendido a partir de diferentes concepções. Todo texto, independentemente do gênero veiculado, é uma manifestação de ideias, de pensamentos e de intenções, ou seja, todo texto tem alguma pretensão comunicativa e essa mensagem pode ser expressa por meio da linguagem verbal ou não verbal. Segundo Antunes (2010, p. 30, 31), o texto “Caracteriza-se, portanto, como uma atividade eminentemente funcional, no sentido de que a ele recorremos com alguma finalidade, com um objetivo específico, nem que seja, simplesmente, para não ficarmos calados”.

Com vistas a definir um conceito de texto, adotamos como linha teórica noções da Linguística Textual. Sendo assim, a noção de língua tratada aqui não é aquela que caracteriza o sujeito como um ser individual, dono de suas ações e de suas vontades, tampouco aquela que descreve a língua como um simples instrumento de comunicação, mas sim a concepção interacional da língua, na qual “os sujeitos são vistos como autores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores” (KOCH, 2015, p. 10, 11).

Adotar essa concepção significa admitir que um texto não é apenas um produto a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, que sua compreensão não se realiza somente com base em elementos linguísticos; pelo contrário, ela depende de diferentes aspectos, tais como o contexto, os participantes envolvidos, bem como seus conhecimentos e esforços na/para a construção dos sentidos. No entender de Koch (2015, p. 11), “o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação”. Sob essa ótica, Antunes (2010) afirma que todo texto representa uma atividade social e, em função disso, sua compreensão vai além de seu aparato linguístico, pois se trata de um evento comunicativo em que atuam, concomitantemente, ações linguísticas, sociais e cognitivas.

Nesta pesquisa, consideramos o texto na sua materialização escrita pelo fato de este ser o principal objeto de trabalho do revisor. Sendo assim, torna-se fundamental dissertar sobre o que tem sido proposto pela linguística do texto como

as propriedades do texto, isto é, sobre os critérios que permitem o leitor reconhecer um conjunto de palavras como sendo um texto. Por consequência, versamos sobre alguns dos principais fatores responsáveis pela textualidade – os mecanismos de coesão e de coerência. Conforme Fávero e Koch (1988, p. 25),

[...] o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência.

A coesão, manifestada no nível microestrutural, costuma ser designada como a forma em que os elementos linguísticos presentes na superfície textual se relacionam por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um *tecido* (tessitura). Nas palavras de Orlandi (2014, p. 12), “os recursos de coesão textual têm como função principal estabelecer relações textuais, através de processos que tornam recuperáveis ligações linguísticas entre elementos da superfície do texto”.

Nos diferentes níveis de estruturação de um texto, como nos períodos e parágrafos, por exemplo, cada frase formulada deve manter um vínculo com a anterior ou as anteriores para, assim, não perder o encadeamento das ideias que conduzem um ponto de vista. Entretanto, há dois tipos de coesão para estabelecer ligação entre as palavras, as orações e as partes de um texto: a coesão referencial e a sequencial.

A coesão referencial é responsável por criar um sistema de relações entre as palavras e as expressões dentro de um texto, ou seja, é um método de referenciação em que um constituinte da superfície textual faz menção a outro. Ela é alcançada por meio do uso de mecanismos que retomam ou antecipam ideias, seja através de anáforas, catáforas e elipses ou ainda de outros recursos linguísticos, tais como os pronomes de terceira pessoa (retos e oblíquos), os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos), os numerais e, até mesmo, alguns advérbios pronominais (lá, ali, aí, aqui etc.).

Para exemplificar o uso de alguns desses recursos, trazemos exemplos utilizados por Koch (2009, p. 37-38):

- Entrei em casa e corri para o quarto. Lá estava o presente, em cima da cama.
- Todos os livros estão na estante. Os meus são os de capa azul.
- Mais uma vez, ouviu-se um estranho estrondo no interior da selva. Ninguém sabia explicar o *fenômeno*.
- Durante muito tempo, os escoteiros tentaram obter socorro. (Ø) Chamaram, (Ø) gritaram, (Ø) acenderam fogueiras, mas de nada adiantou. (grifos da autora)

A coesão sequencial, por sua vez, é aquela que cria no texto as condições para a progressão do tema abordado. Como processo de sequencialização, a coesão é atingida por meio de procedimentos que “estabelecem, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir” (KOCH, 2009, p.39). As conjunções, as locuções adverbiais e as diversas flexões de tempo e de modo dos verbos são responsáveis pela formação e continuidade desse tipo de coesão.

Vejamos um exemplo: “Quero encontrar Maria e pedir uma ajuda. Porém, não sei se ela vai aceitar, mesmo que seja minha amiga. Se ela aceitar, ganhará não só minha confiança, como também um presente”. No trecho, o primeiro conectivo (e) apresenta uma ideia de adição ao que antes foi mencionado e o segundo (porém) uma ideia de contrariedade. A conjunção integrante se, com sua continuação, adiciona um complemento ao verbo *saber*. O uso da expressão *mesmo que* dá ideia de concessão ao período e a conjunção se, utilizada logo após, passa a ideia de condição. Por fim, o uso do paralelismo sintático *não só...como também* estabelece uma comparação somando os argumentos.

Diante disso, podemos afirmar que os mecanismos de coesão sequencial são utilizados com o intuito de garantir que as partes do texto interajam entre si, apresentando relações claras entre as informações expostas. O controle desses mecanismos possibilita a progressão temática, com a boa articulação das ideias e dos argumentos no interior do texto, produzindo coerência textual. Porém, apesar de estabelecer o encadeamento entre os vários seguimentos do texto e, assim, ser visto como um conceito semântico, princípio importante da textualidade, Koch (2015, p. 186) afirma que:

[...] a coesão não é condição necessária nem suficiente da coerência: as marcas de coesão encontram-se no texto ('tecem o tecido do texto'), enquanto a coerência não se encontra no texto, mas constrói-se a partir dele, em dada situação comunicativa, com base em uma série de fatores de ordem semântica, cognitiva, pragmática e interacional.

Nessa perspectiva, entendemos que tanto a coesão quanto a coerência textual são elementos fundamentais e precisam ser dominados pelo revisor, visto que é por meio deles que se faz uma análise mais profunda dos sentidos construídos no texto. A coerência está relacionada a um princípio de interpretabilidade, ao encadeamento dos sentidos produzidos, isto é, refere-se às relações (discursivas) e aos elementos que ficam subjacentes à superfície textual. Inclusive, a coerência é entendida como uma conformidade entre as ideias do texto, além de ser subjetiva, pois ultrapassa os componentes propriamente linguísticos. Segundo Antunes (2010, p. 36), a coerência inclui “fatores que estão implicados na situação em que acontece a atuação verbal; daí que a coerência decorre não só dos traços linguísticos do texto, mas também de outros elementos constituintes da situação comunicativa”.

Portanto, a coerência envolve aspectos lógicos, enunciativos e também semânticos, por isso ela depende tanto dos conhecimentos do leitor/ouvinte quanto de seus níveis de interação com o texto e com o autor. Dito de outro modo, a coerência não resulta somente de simples traços do texto, mas também dos processos cognitivos atuantes entre os usuários da língua. Sendo assim, é possível compreender o motivo pelo qual um texto pode ter múltiplas interpretações e não um único sentido, pois sua compreensão decorre de diferentes relações, inclusive dos conhecimentos de mundo do leitor/ouvinte, dos conhecimentos que ele tem sobre a própria língua e sobre o assunto abordado.

Nessa ótica, Antunes (2010, p. 37) declara que “um texto não se constitui apenas de elementos gramaticais e lexicais. O texto é um traçado que envolve material linguístico, faculdades e operações cognitivas, além de diferentes fatores de ordem pragmática ou contextual”. Diante disso, entendemos que o texto não pode ser definido como um produto, mas como uma produção, tal como a leitura, que somente é construída à medida que o leitor interage com o texto, com base nas pistas deixadas pelo autor.

Cabe dizer ainda que a coerência revela-se no nível da macroestrutura, pois diz respeito ao nexo, ao passo que a coesão corresponde à manifestação desse

nexo no âmbito linguístico e textual. Além disso, podemos inferir que, associada aos aspectos exteriores, a coerência é o que permite ao leitor formular uma ideia global do sentido do texto, ou seja, faz com que as palavras e expressões de um dizer escrito formem um todo significativo. A coesão manifesta-se na organização sequencial do texto, sendo um efeito materializado pelo emprego da sintaxe, de elementos linguísticos e gramaticais e, consequentemente, semânticos, pois remete às relações de sentido entre os elementos da superfície textual, que são cruciais ao desenvolvimento e à clareza dos sentidos expressos no texto.

Vale destacar que, para que se tenha uma boa organização coesiva, é preciso saber empregar os mecanismos linguísticos de forma adequada, de modo que eles estabeleçam ligações entre as diferentes partes do texto. O uso indevido dos elementos coesivos pode tornar um dizer ambíguo, provocando, assim, um duplo sentido na compreensão. No entanto, nem sempre um texto necessita de meios coesivos para ser entendido. Ou seja, não basta apenas ele estar linguisticamente bem articulado, é preciso que, além de seu aspecto formal, estrutural, a mensagem escrita seja harmoniosa e comprehensível. Afinal, um texto pode estar perfeitamente coeso, no entanto, incoerente. Por exemplo: “Estudei muito, porém fui aprovado”. Na frase, há elementos coesivos, como o conectivo (porém) e a sintonia no uso dos tempos verbais. No entanto, durante a leitura, percebemos que há uma incoerência, visto que a conjunção *porém* tem a função semântica de introduzir uma ideia de oposição à oração anterior. Dessa forma, para tornar a frase coerente, faz-se necessário trocar o conectivo por uma expressão conclusiva (portanto) ou mesmo aditiva (e), ou acrescentar um não.

Logo, o profissional revisor precisa saber identificar as particularidades da língua (escrita) e também conhecer os diferentes elementos responsáveis pela coesão, pois saber usar os marcadores textuais é algo essencial não só para a organização, mas também para a progressão de um texto. Ao exercer a atividade de revisão, esse profissional deve, além de verificar as questões de coesão, coerência e sentido produzido no texto, levar em consideração o gênero textual, o estilo do autor, bem como observar a que público o texto será destinado e onde se dará sua circulação. É de responsabilidade do profissional de revisão analisar toda a estrutura do texto, seu contexto, seu conteúdo, sua mensagem, assim como garantir que todos esses aspectos sejam percebidos e compreendidos pelo leitor/ouvinte. Por esse motivo, o revisor precisa sentir-se seguro tanto em relação a seus

conhecimentos da língua quanto daqueles que transcendem as regras do português, pois, além de detectar os problemas existentes no texto, deve apontar soluções para os mesmos, buscando clareza e objetividade no dizer.

4. A LEITURA E A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO NO TEXTO

A leitura é uma das principais formas de aquisição de informação e de conhecimento por parte do ser humano; é uma atividade importante que atende a múltiplas finalidades. Além disso, é uma prática que desenvolve o cérebro, aumenta a capacidade de interpretação, ajuda no armazenamento de informações e ainda enriquece o vocabulário, tornando-o mais amplo e diversificado.

Houve um tempo em que a vida social das pessoas podia ser construída sem que elas dominassem as técnicas de leitura e escrita. No entanto, no momento atual, essa realidade parece ser improvável, visto que, com o surgimento da internet e das novas tecnologias, a comunicação entre um sujeito e outro passou a depender principalmente desses conhecimentos. A internet, juntamente com os aplicativos de rede social, ampliou o âmbito da leitura e da escrita e, por esse motivo, tais práticas de letramento passaram a estar mais presentes no cotidiano das pessoas.

Na perspectiva do revisor de textos, além de ser uma atividade habitual e necessária para as tarefas do dia a dia, a leitura também é uma importante ferramenta de trabalho, pois é a partir dela que esse profissional exerce sua função: revisar textos escritos com o intuito de conferir-lhes concisão, clareza e objetividade. O revisor precisa estar sempre em contato com a língua, buscando manter-se informado e atualizado. Dessa forma, é indispensável que ele leia diferentes tipos de textos, sobre os mais variados assuntos, pois o revisor, assim como os demais profissionais que lidam com a comunicação, precisa saber utilizar a linguagem de modo sistemático e responsável. No entanto, cabe salientar que ser competente na leitura de diversos textos não significa ter conhecimentos plenos e específicos em todas as áreas do saber, mas garante a facilidade em compreender textos distintos. Nesse contexto, Passos e Santos (2011, p. 5) afirmam que:

Mesmo os leitores experientes apresentam dificuldades de leitura ao se depararem com determinados textos. Isso porque nem sempre possuem conhecimentos prévios sobre o assunto em questão. É comum isso acontecer, os indivíduos não compreenderem textos de outras áreas específicas, às quais não pertencem.

Como o trabalho do revisor envolve diretamente a leitura, é fundamental que ele não a desenvolva somente quando estiver manuseando os textos à procura de falhas para serem corrigidas, pois, agindo desse modo, seu trabalho se tornará mais

difícil e demorado. Em outras palavras, quanto mais leituras o revisor fizer, mais preparado estará para desempenhar essa prática. Com o intuito de refletir sobre a importância da leitura na atuação do revisor, estudamos duas obras que tratam desse complexo processo, sendo elas *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*, de Angela Kleiman (2016) e *Estratégias de Leitura*, de Isabel Solé (1998).

O primeiro livro aborda sobre a compreensão de textos escritos e busca descrever os vários aspectos que constituem o processo de leitura. Reflete sobre a complexidade do ato de compreender e a multiplicidade de processos cognitivos que compõem essa atividade em que o leitor se dedica a entender um texto, tais como: percepção, atenção, memória e inferência.

Já a segunda obra, mais voltada para o ensino e a aprendizagem da leitura na escola, também trata dos processos envolvidos na compreensão leitora, das estratégias de leitura, dos objetivos do leitor e da interação que ele estabelece com o texto. Além disso, Solé (1998) discute sobre questões de conhecimento prévio, de hipóteses e de inferência.

Em ambos os textos, as autoras buscam apresentar uma definição do que é leitura. Para Kleiman (2016), a leitura é um ato social entre dois sujeitos, isto é, trata-se de um processo interacional entre autor e leitor. Esse processo acontece a partir de uma base textual sobre a qual o leitor se apoia e que “é entendida como a materialização de significados e intenções de um dos integrantes à distância via texto escrito” (p. 12). Também para Solé (1998) a leitura é um processo de interação, mais específico entre leitor e texto.

Assim, mesmo havendo diferenças entre a noção de leitura, as definições feitas pelas autoras não se distinguem, pois sabemos que todo texto é produzido por um ou mais autores, sendo a leitura, de fato, um processo de interação entre autor e leitor. Solé (1998) assegura que é por meio desse processo que se busca atingir os objetivos norteadores de uma leitura. Ou seja, essa atividade, além de envolver a presença de um leitor ativo, que processa e examina, também implica a existência de um objetivo para guiar a leitura, visto que sempre lemos para atingir algum objetivo.

A compreensão leitora, muitas vezes, é caracterizada como uma tarefa difícil, que exige muito esforço, pois “o próprio objeto a ser compreendido é complexo” (KLEIMAN, 2016, p.12). Dito de outro modo, o entendimento de um texto envolve

diversas questões, tais como a compreensão de frases e argumentos, de objetivos, de intenções e até mesmo de ações e motivações.

Como a interpretação de textos depende, em grande parte, dos objetivos que norteiam a leitura, é possível que leitores com finalidades diferentes extraiam informações distintas de um mesmo texto, ainda que seu conteúdo permaneça invariável. Com base nessa constatação, Solé (1998, p. 22) afirma que “o significado que um escrito tem para um leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos”. Em síntese, é o leitor, ao ler um texto, que constrói os sentidos possíveis, com base nas pistas deixadas pelo autor.

Para Kleiman (2016, p. 15), “A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”. A autora reitera dizendo que a leitura é um processo interativo pelo fato de o leitor construir o sentido do texto mediante a interação de diferentes níveis de conhecimento, tal como conhecimento de mundo, linguístico e textual.

O conhecimento de mundo citado pela autora diz respeito aos conhecimentos gerais do leitor, que consiste no acúmulo de experiências na vida social. O conhecimento linguístico é aquele relacionado ao uso da língua, isto é, da gramática, da ortografia, do vocabulário, enfim, das regras que a constituem. Esse tipo de conhecimento desempenha papel fundamental no processamento do texto, pois é um constituinte do chamado conhecimento prévio, sem o qual a compreensão não se realiza. Já o conhecimento textual refere-se ao conjunto de noções e conceitos sobre o texto, sobre a classificação dos tipos e gêneros textuais. Kleiman (2016) afirma ainda que esse saber é fundamental para a compreensão e “Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será a sua compreensão” (p. 23).

A partir disso, podemos afirmar que os diferentes níveis de conhecimentos descritos pela pesquisadora são essenciais ao profissional de revisão, não só para que ele possa desenvolver uma leitura atenta, buscando entender as ideias do texto em estudo, seu conteúdo e sua finalidade, mas também para que possa identificar os problemas existentes na escrita e, consequentemente, realizar uma revisão adequada e produtiva. De certo modo, revisar é ler, porém, de forma atenta, lenta e

minuciosa, pois, na revisão, a leitura precisa ir além do mero entendimento do conteúdo, dos sentidos, atrelado a aspectos linguísticos, textuais e semânticos.

Segundo o ponto de vista adotado na obra de Solé (1998, p. 23), sob uma perspectiva interativa, “a leitura é o processo mediante o qual se comprehende a linguagem escrita”. Entretanto, há questões que intervêm nessa compreensão, podendo ser tanto o texto, sua forma e conteúdo, quanto o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. A autora defende a ideia de que, para ler um texto, é preciso desempenhar com desenvoltura as habilidades de decodificação, atribuindo ao texto objetivos, ideias e experiências prévias. O leitor precisa se engajar em um processo de previsão e de inferência contínua, ou seja, a leitura é um processo que se apoia em informações disponibilizadas no texto e na própria bagagem do leitor. Seguindo esse enfoque, Kleiman (2016, p. 29) declara que:

A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente.

Ainda na perspectiva de linguagem enquanto interação, as diferentes explicações sobre o processo de leitura podem ser agrupadas em torno de modelos hierárquicos: ascendente e descendente. No primeiro modelo, considera-se que o leitor, diante do texto a ser compreendido, interage com seus elementos, começando pelas letras, palavras e frases, para, então, dar continuidade a outros segmentos em um processo ascendente, sequencial e hierárquico, que leva à compreensão do texto como um sentido uno e coerente.

O segundo, o modelo descendente, faz o contrário, pois, ao ler, “o leitor não processa letra por letra, mas usa seu conhecimento prévio e seus recursos cognitivos para ter antecipações sobre o conteúdo do texto, fixando-se neste para verificá-las” (SOLÉ, 1998, p. 23). Dessa forma, o processo de leitura também é sequencial e hierárquico, mas, nesse caso, descendente. Isto é, por meio de hipóteses e antecipações prévias, o texto vai sendo processado para sua verificação.

Concordando com as afirmações de especialistas que estudam a leitura, Kleiman assegura que os objetivos do leitor podem ser determinados pelos tipos ou

formas de textos. Para ela, “parece ser claro que o objetivo geral ao ler o jornal é diferente daquele quando lemos um artigo científico” (KLEIMAN, 2016, p. 36). Por exemplo, na leitura de um jornal, o leitor geralmente busca depreender o tema de diversos tópicos a partir das manchetes e, para tanto, faz uso de mecanismos que captam a informação de modo rápido, como uma mera passada de olhos. Esse tipo de processo, chamado *scanning*, auxilia o leitor a obter informações de um texto, sem a necessidade de ler palavra por palavra. Não realiza uma leitura passo a passo, na íntegra, mas diagonal.

Por outro lado, se o leitor tiver muito material para ler em um curto período de tempo, ou se tiver dúvida sobre o possível interesse de um artigo, ele poderá realizar uma *pré-leitura seletiva*, um processo denominado *skimming*, o qual permite ao leitor identificar rapidamente a ideia global do texto. Essa técnica pode ser realizada de diferentes maneiras, tanto lendo seletivamente os primeiros ou os últimos períodos dos parágrafos, quanto lendo os títulos e os subtítulos do texto.

Diante disso, podemos afirmar que, assumir o controle da própria leitura implica ter um objetivo para ela, assim como ser capaz de gerar hipóteses sobre o conteúdo lido. Sendo assim, a leitura “pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação” (SOLÉ, 1998, p. 27). Ao estabelecer previsões, os conhecimentos prévios do leitor e seus objetivos de leitura desempenham um papel significativo. Além do mais, o próprio texto, com sua superestrutura, ajuda a estimular essas previsões. Assim, por mais que um autor elabore um texto para comunicar determinadas informações, as ideias principais construídas pelo leitor vão depender muito desses fatores e daquilo que o processo de leitura em si lhe oferece.

Solé (1998) explica que, durante a leitura, o leitor realiza um importante esforço cognitivo, a partir do qual podemos falar “da intervenção de um leitor ativo, que processa e atribui significado àquilo que está escrito em uma página” (p. 40). A autora vai além e reitera que a compreensão que cada um realiza depende não só do texto, mas também de outras questões próprias do leitor, tais como: os objetivos, o conhecimento prévio para abordar a leitura e a motivação para realizá-la. Quando fala em conhecimento prévio, a estudiosa diz não estar se referindo ao fato de o leitor dominar o conteúdo do texto, mas ao fato de que entre este e seus conhecimentos existe uma distância possibilitadora do processo de atribuição de significados, que implica a compreensão.

Para Kleiman (2016), a capacidade de estabelecer objetivos na leitura é considerada uma estratégia metacognitiva, ou seja, “uma estratégia de controle e regulamento do próprio conhecimento” (p. 37). Por exemplo, se o revisor decidir que a revisão de um texto será realizada em tantas horas, essa é uma decisão de tipo metacognitivo, uma vez que ela é tomada por meio da avaliação de suas próprias capacidades, disponibilidades e peculiaridades envolvidas na execução da tarefa de revisar. Segundo Kleiman (2016, p. 38), “é devido ao papel das estratégias metacognitivas na leitura que podemos afirmar que [...] a leitura é um processo só, pois as diferentes maneiras de ler (para ter uma ideia geral, para procurar um detalhe) são apenas diversos caminhos para alcançar o objetivo pretendido”.

Os objetivos também são importantes para outro aspecto da atividade do leitor, que contribui com a compreensão: a formulação de hipóteses. Isto é, o leitor ativo, aquele que realmente está envolvido e empenhado no processo de leitura, elabora hipóteses e as testa, à medida que vai lendo o texto. Conforme Kleiman (2016, p. 47):

Ao formular hipóteses o leitor estará predizendo temas, e ao testá-las ele estará depreendendo o tema; ele estará também postulando uma possível estrutura textual, e, na testagem de hipóteses, estará reconstruindo uma estrutura textual, na predição ele estará ativando seu conhecimento prévio, e na testagem ele estará enriquecendo, refinando, checando esse conhecimento.

Essas são as estratégias próprias da leitura que levam à compreensão de um texto. São atividades que pressupõem reflexão e controle consciente sobre seu próprio conhecimento e capacidade. Para Solé (1998, p. 41), “compreender não é uma questão de tudo ou nada, mas é relativa aos conhecimentos de que o leitor dispõe sobre o tema do texto e aos objetivos estipulados pelo leitor”.

No entanto, os objetivos não determinam somente as estratégias que são ativadas para obter a interpretação de um texto, eles também estabelecem certa tolerância por parte do leitor em relação a seus próprios sentimentos de não compreensão. Quer dizer, a atividade de leitura é sempre dirigida pelos objetivos que pretendemos alcançar, por isso “não é a mesma coisa ler para ver se nos interessa continuar lendo e ler quando procuramos uma informação muito determinada, ou quando precisamos formar uma ideia global do conteúdo para transmiti-la a outra pessoa” (SOLÉ, 1998, p. 41).

Desse modo, entendemos ser essencial que o leitor estabeleça objetivos na leitura, porque assim ele determinará não só as estratégias adequadas à compreensão, mas também o controle que vai desempenhando sobre ela, na medida em que lê. Enquanto lemos e compreendemos, não nos damos conta de que estamos controlando aquilo que entendemos. Entretanto, quando surge no texto algum problema, alguma palavra cujo significado desconhecemos, alguma frase incompreensível, com sentido incompleto, ou qualquer dificuldade que nos impeça a compreensão, o fluxo da leitura se interrompe e nos empenhamos em desfazer esse problema.

Solé (1998) explica que há uma progressão em relação a esse fato, ao uso de estratégias que permitem compensar a não compreensão. A primeira e mais inteligente estratégia utilizada pelos leitores experientes é ignorar o problema em questão e seguir com a leitura. Porém, se o entendimento do texto ficar prejudicado, não se pode continuar ignorando o obstáculo, é preciso fazer algo a mais.

Outra estratégia que pode ser aplicada é arriscar uma interpretação para o que não se comprehende e ver se ela funciona, todavia, isso nem sempre é possível. Por vezes, faz-se necessário reler o contexto prévio (frase, fragmento) de forma mais atenta para, então, encontrar indicadores que possibilitem atribuir um sentido. Há ainda uma última estratégia: a consulta a uma fonte especializada, um dicionário, por exemplo. Esse recurso é utilizado quando o leitor avalia o trecho problemático e percebe que ele é essencial para o entendimento do texto. Solé (1998) entende que “nem todos os erros são iguais, nem todos têm o mesmo significado e importância para o projeto de construir uma interpretação do texto, e consequentemente não cabe reagir do mesmo modo ante eles” (p. 130).

Ainda em relação aos objetivos de uma leitura, Solé (1998) afirma que, “para que alguém possa se envolver na atividade que o levará a compreender um texto escrito, é imprescindível verificar que esta tem sentido” (p. 42). A atribuição de sentido à realização de uma tarefa só é possível se a pessoa que a realiza souber o que deve fazer e o que pretende com ela, além de se sentir motivada e competente para desenvolver essa atividade.

No caso específico do revisor, ele realiza uma leitura com o objetivo primeiro de revisar um texto. Porém, para que possa compreender as ideias e identificar possíveis problemas ou falhas no material, precisa estar ciente de que deverá desenvolver uma leitura atenta e determinada para esse fim. Em outras palavras,

além de identificar e corrigir os erros lexicais, ortográficos, gramaticais, textuais e a falta de clareza de um texto, deve definir seus objetivos na leitura, prever e formular hipóteses. É importante que o revisor saiba estabelecer estratégias para intervir em um texto escrito, para que assim possa efetuar a revisão de forma eficaz. Segundo Solé (1998, p.69), a estratégia “tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade para regular a atividade das pessoas, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos”.

4.1 As estratégias de processamento do texto e as expectativas do leitor

Ao falar em compreensão de textos, é necessário refletir também sobre o componente textual desse processo, normalmente chamado de cotextual, que define as relações internas de um texto. Conforme Kleiman (2016), a intenção de um autor se materializa tanto por meio de elementos linguísticos quanto gráficos, sendo o compromisso do leitor fazer a recuperação dessa intenção. Nesse processo, o leitor se apoia em elementos extralingüísticos, como os abordados anteriormente, bem como em elementos linguísticos, dos quais trataremos agora.

Como visto, no processo de compreensão de um texto, o leitor utiliza como base, entre outras habilidades, seu conhecimento linguístico, a partir do qual ele pode entender “a organização do material linguístico na superfície textual; o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou sequenciação textual, a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados” (KOCH, 2015, p. 40).

Nessas condições, para que o leitor entenda aquilo que lê e possa ir além do reconhecimento do significado das palavras expressas no texto, no nível da decodificação, ele precisa compreender a razão, o sentido da organização das frases nesse texto. Desse modo, ele alcançará uma das finalidades da leitura: a compreensão das ideias, que podem ser concluídas a partir da percepção dos recursos utilizados pelo autor na construção do texto.

Para Kleiman (2016, p. 49), “O texto é considerado por alguns especialistas como uma unidade semântica onde vários elementos de significação são materializados através de categorias lexicais, sintáticas, semânticas, estruturais”. Podemos então assegurar que o entendimento de um texto consiste na apreensão de suas possíveis significações, as quais se manifestam, em grande parte, por meio

de marcas linguísticas. Essas marcas funcionam como pistas oferecidas ao leitor, com o intuito de possibilitar-lhe uma leitura satisfatória. Em vista disso, não podemos separar a compreensão das ideias dos recursos utilizados para tal entendimento, porque um concede suporte ao outro. Resumindo, somente compreendemos uma ideia porque ela foi expressa de uma dada maneira e não de outra.

Nesse contexto, Kleiman (2016) enfatiza a importância dos elementos de coesão e de coerência na produção e compreensão de um texto. Para a autora, “os elementos que relacionam as diversas partes do texto são também instrumentais na construção de um significado global para o texto” (p. 52). Além disso, o processo em que utilizamos esses elementos formais para fazer as ligações necessárias na construção de um conjunto de ideias é um mecanismo inferencial de caráter inconsciente, considerado como uma estratégia cognitiva de leitura.

As estratégias cognitivas comandam os comportamentos automáticos e inconscientes do leitor e servem para construir a coerência local do texto, ou seja, constituem os laços coesivos entre os elementos sucessivos e sequenciais no texto. Esse nível local, em que as estratégias cognitivas funcionam, e que está diretamente ligado à coesão textual, é também denominado de microestrutura. Já a coerência, por sua vez, funciona no nível temático ou na macroestrutura do texto. É aquela que, no nível de sequências maiores, como períodos e parágrafos, faz avançar o desenvolvimento do tema global. Em outras palavras, é a macroestrutura que fornece o sentido ao texto como um todo.

Kleiman esclarece que, mesmo que um texto apresente mecanismos formais na manutenção e progressão de sua temática, isso não garante que ele tenha boa formação textual, pois,

Quando as ligações de nível temático, ou articulações estruturais não são explicitadas, o texto pode parecer mais difícil ao leitor, que então precisará desautomatizar suas estratégias cognitivas e trazê-las a nível consciente, reformulando objetivos ou monitorando o processo de compreensão. (KLEIMAN, 2016, p. 70)

Ademais, com relação aos tipos de textos e às expectativas do leitor, Solé (1998) declara que existem dois motivos pelos quais é importante distinguir os textos que utilizamos: primeiro, porque, como tais, eles são diferentes, uma vez que não é a mesma coisa ler um romance e um relatório de pesquisa, por exemplo. Segundo, porque existem diversas expectativas que diferentes textos podem despertar no

leitor. Ao falar em tipos de textos ou em superestruturas, a autora diz que elas atuam como esquemas aos quais a língua escrita se adapta.

Assim, o autor que deseja narrar um fato, uma história, independentemente do conteúdo, deverá ajustar-se à estrutura formal da narração. O leitor ficaria surpreso se, em uma resenha crítica, por exemplo, cuja escrita é argumentativa, encontrasse elementos visivelmente narrativos, dado que nossas expectativas sobre o que deve conter em uma resenha ou em uma narração não são similares, pois a leitura “é um processo contínuo de elaboração de expectativas e previsões que vão sendo verificadas” (SOLÉ, 1998, p. 84).

É de suma importância que o revisor leia diferentes gêneros textuais e que conheça as estruturas existentes, ou superestruturas, pois ele precisa saber reconhecê-las durante a leitura do material a ser revisado. É a partir do domínio da estrutura do texto, da sua organização e da sua funcionalidade social que fará uma leitura competente, uma vez que esses conhecimentos possibilitam que o leitor antecipe a informação contida no texto, facilitando não só a leitura (a compreensão), mas o trabalho de revisar, fazendo os ajustes necessários à clareza do sentido expresso.

Cabe lembrar que a leitura é um processo contínuo de formulação e verificação de hipóteses e previsões sobre o texto. E também que as estratégias são as responsáveis por propiciar a compreensão, “porque permitem situar o leitor devidamente aparelhado diante da leitura e levam-no a assumir um papel ativo perante ela” (Solé, 1998, p. 115). A atividade de compreensão e o esforço do leitor são concomitantes no processo de leitura, e as estratégias que acontecem no decorrer dessa atividade servem não só para construir uma possível interpretação do texto como também para solucionar os problemas que surgem no transcorrer do processo. Afinal, para que possamos dominar estratégias de leitura, devemos colocá-las em prática, compreendendo suas utilidades.

4.2 As leituras específicas de um revisor de textos

Vimos, ao longo deste estudo, que a leitura é essencial a todos as pessoas, mas, em especial, ao revisor de textos. Sem ela é impossível que esse profissional desempenhe suas funções, visto que é a partir de uma leitura atenta, detalhada e determinada que ele comprehende as ideias e identifica os possíveis problemas de

um texto, podendo, assim, efetuar sua tarefa. No entanto, para intervir no texto alheio, de forma adequada e eficaz, o revisor precisa ser bem instruído, ter uma boa formação, uma vez que seu campo de trabalho abrange grande gama de áreas do conhecimento. Para isso, o hábito e o gosto pela leitura fazem-se necessários. Segundo Malta (2000, p. 28),

Ler muito jornais e revistas. O bom revisor precisa ter cultura geral, mas sobretudo, precisa estar informado. Quem se propõe a profissionalizar-se como revisor precisa ter conhecimentos sólidos de História do Brasil, História Geral, Geografia Geral, Anatomia, Biologia, Astronomia, Religião, além de outras áreas.

Além de se apoiar em uma boa cultura geral, é essencial que o revisor recorra incessantemente às diversas gramáticas existentes, sejam elas impressas ou online. É importante também que ele não dispense os tradicionais dicionários, tanto os de regência verbal e nominal quanto os de significados, impressos e digitais, visto que são suas principais fontes de consultas no trabalho diário. Na opinião de Coelho Neto (2013, p. 94), “Se ao seu arsenal ele acrescentar dicionários etimológicos, enciclopédicos, ortográficos, jurídicos, mais facilidade terá para lidar com textos”.

Para Lemos (2014, p. 26), “O campo literário possibilita a construção de um aporte histórico, estilístico e cultural enriquecedor aos leitores”. Ou seja, o ato de ler agrupa e favorece o conhecimento de mundo do revisor e, consequentemente, aperfeiçoa sua capacidade de revisar. Segundo a redatora e revisora supracitada, acrescentar os saberes adquiridos por meio da leitura ao trabalho de revisão é garantir não só a legitimidade desse ofício, mas também a qualidade do texto revisado, em sua fase de conclusão.

De acordo os autores que versam sobre a prática de revisão, esse profissional deve iniciar seu trabalho em um texto após feitas várias leituras. Coelho Neto (2013), por exemplo, cita a prática de leitura como o primeiro recurso utilizado pelo revisor diante de suas tarefas, considerando, a partir disso, que a escrita não pode ser desvinculada da leitura. Para ele, esse conceito refere-se a quem escreve e, portanto, a quem revisa. Isto é, não se pode desvincular a escrita do ato de ler pelo fato de que a leitura não apenas ensina as técnicas e os recursos da língua escrita, mas também é uma fonte infinita de ideias, que ajuda o revisor na tarefa de escrever, reescrever e, consequentemente, revisar.

Dessa forma, o sujeito que se dedica a revisar textos, antes de querer ser um bom revisor, precisa ser um ótimo leitor, pois essa é a base para uma revisão textual. É por meio da leitura que o profissional de revisão estabelece intimidade com a língua escrita, que interioriza suas regras e estruturas, seus infinitos recursos estilísticos, os tipos de textos existentes, bem como o funcionamento dos gêneros textuais em determinadas situações comunicativas. Segundo Lemos (2014, p. 26-27), “É através da leitura que o revisor aprende, de forma crítica, a estabelecer relações entre os textos e seus gêneros, estilo e adequações, além de expandir seus conhecimentos gerais”.

A leitura pode ser considerada como uma fonte de enriquecimento da memória e do conhecimento dos mais diversos assuntos, pois é recorrendo a ela que o revisor incrementa seu repertório linguístico. Ainda de acordo com Lemos (2014, p. 27), “a leitura torna o senso crítico do revisor mais apurado, contribuindo na análise do seu objeto de trabalho”. Para Coelho Neto (2013), o domínio da língua traz às pessoas poder e oportunidades de crescimento cultural e intelectual, além de que esse domínio está diretamente associado à ampliação do vocabulário. De acordo com o autor:

À medida que o usuário da língua interage social e culturalmente com os seus iguais, acrescendo o seu repertório de obras diversificadas, procurando inteirar-se metodicamente do significado das palavras que desconhece, o vocabulário é ampliado, enriquecido. (COELHO NETO, 2013, p. 94)

Conforme já dito anteriormente, a compreensão de um texto decorre a partir dos objetivos do leitor e de seus conhecimentos prévios. Isto é, os saberes que foram adquiridos por ele ao longo do tempo, em leituras passadas, são ativados no decorrer da interpretação de um texto. É por esse motivo que a leitura torna-se fundamental ao revisor, pois lhe proporciona diferentes tipos de conhecimento: linguístico, textual, pragmático e de mundo. Além disso, é importante que o revisor tenha domínio sobre as estratégias de leitura, pois essas lhe garantem um maior desempenho em seu trabalho, tendo em vista que precisa compreender o sentido do material submetido à revisão.

Existem ainda outras técnicas que podem auxiliar o revisor a desenvolver a prática da leitura de modo produtivo e eficiente, tais como a releitura, o grifo e as anotações. Esses procedimentos ajudam na concentração e no desenvolvimento de

um processo seletivo do texto, ou seja, ajudam o revisor a compreender a organização, o tema, a ideia principal do texto, bem como a identificar o gênero a que se enquadra o conteúdo escrito.

Ademais, Coelho Neto (2013) declara que, numa revisão, o revisor é considerado a extensão do autor, pois lhe são concedidos poderes para aprimorar o texto do outro. Em vista disso, afirma existir um procedimento específico de leitura a ser cultivado pelo revisor para uma competente revisão textual: o desenvolvimento de uma forma de leitura em que o revisor atue como decisor linguístico, se colocando, ao mesmo tempo, na condição de público-alvo. No entender do autor,

[...] o papel do revisor é proativo - ele age sobre o texto. Daí a necessidade de o revisor trafegar com intimidade e conhecimento de causa pelos conceitos para elaboração de um bom texto, pela sua análise, pelo ato de recorrer a todos os instrumentos que dão suporte a quem quer escrever bem, assim como recorrer a outros que lhe deem subsídios (p. 93).

Sob a perspectiva de que existe uma receita para escrever bem, o autor ainda declara que “lê melhor, e escreve melhor, e revisa melhor quem lê muito” (p. 93). Entretanto, em relação ao ato de escrever, ou melhor, de reescrever, Malta (2000) afirma que o revisor não pode agir de modo a parecer um autor frustrado, reescrivendo e retalhando laudas com o objetivo de tornar o texto mais inteligível e fluente, ou de mostrar ao editor que ele é um revisor competente. Para o autor, o trabalho do revisor exige atenção, senso crítico e deve sempre visar o livro, o texto que revisa. Para isso, o revisor precisa saber lidar com suas fontes de consulta, apoiar-se em seu repertório linguístico e literário e na boa capacidade de duvidar.

Por fim, é possível afirmar que a leitura é um instrumento inerente e fundamental à prática diária do revisor, e as atividades de leitura contribuem positivamente com os processos cognitivos desse profissional e também com a realização eficiente do exercício de revisar textos.

5. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos tanto o método de pesquisa bibliográfico quanto o de campo, via entrevistas com profissionais revisores de textos em serviço. Tivemos como embasamento teórico obras que versam sobre a revisão de textos e também sobre a leitura. A partir da literatura voltada à atividade de revisão, foi possível observar as técnicas e as etapas sugeridas por diferentes autores, tais como Malta (2000), Oliveira (2010) e Coelho Neto (2013), para efetuar uma adequada revisão textual, bem como o destaque concedido à leitura como importante e indispensável para o profissional de texto, sendo ela fonte de conhecimento e instrumento de seu trabalho. Tal observação motivou-nos a investigar e analisar as etapas realizadas pelo revisor no processo de compreensão e de correção de um texto.

Para dialogar com pessoas que atuam exclusivamente na área de revisão, fizemos uso de duas ferramentas de comunicação próprias da internet. A primeira foi o *Facebook*, rede social pela qual solicitamos, em grupos específicos de revisores de textos, o *e-mail* de profissionais interessados em participar voluntariamente desta pesquisa. A segunda foi o próprio *e-mail* disponibilizado pelos revisores interessados. Ou seja, foi por meio dos correios eletrônicos que requisitamos duas atividades, inicialmente, a revisão de um texto-base e, depois, o preenchimento de um questionário, cujas respostas nos ajudariam a entender como o profissional realiza a atividade de revisão.

Assim sendo, buscamos interpretar e analisar os dados coletados na pesquisa. O *corpus* foi constituído por um texto elaborado especialmente para esta pesquisa (Anexo 1), revisado por todos os participantes e também por um questionário, com perguntas específicas da atividade em foco (Anexo 2). A revisão foi realizada por 14 diferentes profissionais revisores e o tema do texto diz respeito às características de um revisor de textos, suas habilidades e deveres. O texto-base, redigido especialmente para este experimento, não teve suas informações contextuais informadas, tais como gênero, circulação e leitores, por exemplo.

Para entender a atuação desses profissionais, construímos um texto com problemas, incluindo erros de digitação, grafia, pontuação etc. Além disso,

solicitamos que, depois de realizada a revisão, os participantes descrevessem o modo como procederam para efetuá-la. Na tabela 1, a seguir, mostramos alguns exemplos de erros/problemas existentes no texto.

Tabela 1 – Exemplos de desvios existentes no texto-base

Tipos de desvios	Exemplos no texto-base
Digitação	“leitura de <i>mauais</i> e de boas gramáticas” (linha 14).
Ortografia	“Ser um bom revisor <i>exige</i> muita dedicação...” (linha 10).
Repetição lexical	“O revisor precisa ter como...” (linha 7); “Dominar os usos dos gêneros textuais faz do revisor...”(linha 8); “Ser um bom revisor...”(linha 10); “...daí a necessidade de o revisor estar informado...”(linha 12).
Marca de oralidade	“... daí à necessidade do revisor estar...” (linha 12).
Pontuação	“Alguns escritores com o propósito de minimizar possíveis falhas incoerências ou inadequações...” (linha 1).
Acentuação (e crase)	“... revisam seus <i>proprios</i> textos” (linha 2). “... recorrendo, ao longo sua carreira, a cursos de reciclagem e a leitura de <i>mauais</i> e de boas gramáticas” (linha 13).
Concordância verbal	“... os fatores externos que <i>interfere</i> na construção de um texto...” (linha 19).
Concordância nominal	“... profissional apto a trabalhar com os mais variados <i>texto</i> que circulam na nossa sociedade...” (linha 9).
Conectores	“Logo, essa revisão para a pessoa que diretamente está envolvida...” (linha 2).
Uso de preposição	“... recorrendo, ao longo sua carreira...” (linha 13).
Expressão redundante	“O revisor precisa ter como suas características <i>próprias</i> ...” (linha 7).

Como dito acima, o *corpus* desta pesquisa também foi constituído por um questionário, composto por 11 questões. Vale lembrar que as perguntas foram elaboradas especialmente para este estudo, buscando identificar a formação, o modo de atuação, bem como a definição e o uso que os participantes, profissionais de revisão, fazem da leitura no exercício de sua profissão. Ou seja, buscamos saber se os revisores fazem uso das etapas de leitura e de correção sugeridas pelos tradicionais manuais de revisão textual e também investigar as estratégias que eles utilizam ao realizarem seu trabalho.

Para tanto, organizamos as questões da seguinte forma (Anexo 2): nas primeiras quatro perguntas, procuramos identificar a formação e a experiência de trabalho dos revisores; nas questões cinco, sete e oito, o foco foi investigar a atuação dos participantes como profissionais de revisão; nas questões seis e nove, procuramos saber o tempo que os revisores levam para efetuar a revisão de um texto, bem como se, nesse processo, eles conversam com o autor a fim de sanar alguma dúvida. Na pergunta dez, nossa intenção foi fazer com que os participantes informassem sobre o papel da leitura no processo de revisão, e, por último, na questão 11, pedimos que explicassem o que entendem ser necessário para se tornar um bom revisor.

Dentre os revisores que se mostraram dispostos a colaborar com a pesquisa, 14 deles deram retorno a nosso *e-mail*, enviando o texto revisado e o questionário respondido. Apesar do retorno de todos os participantes, utilizamos, para o desenvolvimento deste trabalho, as respostas de apenas cinco. Isto é, depois de uma leitura atenta e reflexiva, selecionamos os voluntários que apresentaram as respostas mais pertinentes aos objetivos deste estudo. Esses revisores selecionados foram, portanto, divididos em três grupos distintos, de acordo com as leituras e as etapas que cumpriram ao revisar o texto-base. O primeiro grupo realizou três etapas na revisão (formado por um revisor); o segundo grupo realizou duas etapas (constituído por três revisores); e o terceiro grupo efetuou apenas uma etapa (formado por um revisor).

Além das leituras, utilizamos também como critério para a seleção dos voluntários, as especializações na área de revisão e a experiência dos profissionais. Com isso, nosso intuito foi fazer um comparativo entre as intervenções feitas no texto original.

Para discorrer sobre a atuação e o desempenho de cada participante e também para uma melhor organização deste trabalho, denominamos os revisores como R1, R2, R3, R4 e R5. Além disso, dividimos a análise dos dados coletados em dois eixos: análise do texto-base revisado e análise de algumas respostas-chave dadas ao questionário.

5.2 Análise dos dados coletados

Conforme exposto nos procedimentos metodológicos, a proposta de análise dos dados coletados na pesquisa foi dividida em duas partes. Na primeira, observamos o modo como os revisores agiram sobre o texto enviado por *e-mail*, ou seja, analisamos os problemas que foram identificados e também corrigidos por esses profissionais, fazendo um comparativo entre suas atuações. Já na segunda, buscamos, por meio das respostas dadas ao questionário, saber quem eram os profissionais participantes desta pesquisa, assim como identificar e analisar as diferentes estratégias de leitura e correção utilizadas não só na revisão do texto-base, mas também aquelas utilizadas pelos profissionais em seu trabalho diário.

5.2.1 Análise da revisão efetuada pelos revisores voluntários desta pesquisa

Iniciamos nossa análise refletindo sobre os ajustes feitos pelos revisores, bem como por aqueles que não foram identificados pelos profissionais. A discussão sobre esse dado será feita de acordo com a ordem dos problemas apresentados na tabela 1. Dessa forma, iniciamos com os problemas de digitação.

No texto enviado por *e-mail*, havia três erros de digitação (nas linhas 7, 11 e 14), porém, nem todos foram identificados pelos revisores. Teve revisor que corrigiu apenas um erro; outros, dois. Somente um profissional (R4) identificou e corrigiu todos os desvios postos no texto de base. Com relação aos problemas ortográficos, três revisores (R1, R3 e R4) identificaram os erros existentes, corrigindo-os, substituindo-os por palavras sinônimas ou eliminando-as do texto, conforme fez R4.

Os demais revisores (R2 e R5) não repararam em alguns problemas. R2, por exemplo, somente não identificou o erro no registro da palavra *exije*, escrita com a letra j, em vez de g. Já R5, dos seis erros ortográficos que havia no texto, constatou

apenas um, e ainda o corrigiu de forma equivocada. Ou seja, o revisor, ao corrigir a palavra *precindível*, que pelo seu caráter semântico não tinha relação com a ideia expressa no texto, acrescentou o prefixo *im-*, objetivando o adjetivo *imprescindível*. No entanto, o revisor não observou o emprego de “sc” na palavra.

Ao analisar o problema da repetição lexical no segundo parágrafo, percebemos que nenhum dos profissionais efetuou a substituição da palavra *revisor*. R4 foi o único a sugerir mudança. Ele propôs, por meio de balões de comentários, unir as duas primeiras frases utilizando a conjunção coordenativa aditiva *além de* e, como consequência, o emprego do pronome obliquo átono antes do verbo *tornar*. Desse modo, o revisor pôde eliminar a segunda palavra repetida no parágrafo. Para R4, a frase deveria ficar da seguinte forma: “O revisor deve ter como características um bom conhecimento de mundo e uma boa cultura geral, além de dominar os usos dos gêneros textuais, o que o torna apto a trabalhar com os mais variados textos que circulam em nossa sociedade”.

No texto havia também a expressão *daí*, bastante usada na modalidade oral. Dependendo do tipo de publicação, esse termo não pode ser utilizado em textos escritos, mesmo assim, quatro dos cinco revisores não atentaram para tal questão. R1 foi o único a substituir a palavra pelo conectivo *por isso*. Mesmo com essa alteração, a frase continuou extensa, visto que o revisor não efetuou nenhuma modificação em relação à pontuação. Além desse, outros problemas de pontuação foram observados nas revisões, como a primeira frase do texto, por exemplo, que foi corrigida por todos os revisores: “Alguns revisores com o propósito de minimizar possíveis falhas incoerências ou inadequações, durante a atividade de escrita revisam seus próprios textos”.

No que se refere aos problemas de concordância verbal, esses foram corrigidos em todas as revisões analisadas. Já na correção dos problemas de concordância nominal, dois revisores falharam em dado momento, pois R3 não identificou os problemas na linha 15: “Portanto, ao realizar a revisão textual, é imprescindível que os *revisor* analise o texto de um modo geral [...]”, nem mesmo na linha 19: “[...] ele deve levar em conta, também, os fatores externos que interferem na construção de um texto, todos os *elemento* que constituem o sentido, o estilo do autor, bem como a quem o texto se destina”. R5 também não percebeu o erro/desvio na penúltima linha do texto, por isso manteve a frase igual à de R3.

Quantos aos elementos responsáveis pela coesão, esperávamos que os revisores notassem o uso inadequado do conectivo *logo* (na linha 2), visto que as informações ligadas por ele não estabelecem relação de conclusão, mas de contradição. Além disso, acreditávamos que os revisores fossem apontar a falta de algum elemento coesivo entre as linhas 7 e 8. Sendo assim, observando as revisões efetuadas por eles, percebemos que R1 substituiu o conectivo da linha 2 por “desa forma”, cujo sentido também indica conclusão. R4, talvez por modificar a ordem das frases, optou por eliminar o conectivo *logo*. E R5 foi o único revisor que, ao identificar o problema, sugeriu revermos o sentido e a necessidade do uso do conectivo, fazendo o seguinte comentário: “Rever o sentido e mesmo a necessidade da conjunção. Note que as informações ligadas não estabelecem uma relação de conclusão [sic] lógica uma da outra”.

A respeito de nossa segunda hipótese, constatamos que apenas R1 e R4 utilizaram conectivos com o intuito de unir as ideias apresentadas nas duas primeiras frases do segundo parágrafo, as quais tratam dos conhecimentos que um profissional revisor de textos deve dispor (Anexo 3, itens F e I). Já os revisores R2 e R3 não efetuaram ou sugeriram alterações em relação aos problemas discutidos.

Por fim, observando o uso da preposição na locução prepositiva *ao longo de*, suprimida propositadamente no texto-base, constatamos que os cinco revisores identificaram o problema, pois todos inseriram a preposição no trecho. Já quanto às expressões redundantes (na linha 7), percebemos que, apesar da palavra *características* significar ser próprio de algo ou alguém, dois dos revisores não eliminaram ou sugeriram mudanças quanto ao pronome de tratamento *susas* e o substantivo *próprias*, situados na frase: “O revisor precisa ter como suas características próprias um bom conhecimento de mundo e uma boa cultura geral”.

5.2.2 Análise das repostas dadas ao questionário

Antes de observar as respostas dadas às questões, cabe trazer algumas informações sobre os profissionais revisores que participaram desta pesquisa. Não se trata de expor nomes ou instituições das quais fazem parte, uma vez que essas informações não teriam influência direta sobre o resultado, mas de apresentar dados sobre a formação e a atuação de cada profissional no mercado de trabalho.

Os participantes voluntários, depois de revisarem o texto solicitado, responderam o questionário no qual as quatro primeiras perguntas eram referentes à sua formação e experiência profissional (Anexo 2). A primeira questão indagou sobre a formação acadêmica do revisor, qual o curso que fez, onde e o ano em que o concluiu. A segunda questionou há quanto tempo o profissional trabalha com a revisão de textos e, a terceira, se o revisor trabalha como *freelancer* ou se é contratado por alguma empresa. Já a quarta questão indagou quais são os tipos de textos que o profissional costuma revisar. Cabe salientar que somente perguntamos sobre o local de formação dos revisores para termos consciência da extensão geográfica de nosso estudo. Logo, para melhor computar as respostas, elaboramos a seguinte tabela:

Tabela 2 – Questões de 1 a 4: respostas dos revisores

Revisores	Formação Acadêmica	Ano de conclusão	Tempo de trabalho com revisão	Atuação como freelancer Sim/Não	Tipo de texto que revisa
R1 (Grupo 1)	Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda	Cursando o terceiro ano do Curso	1 ano	Sim	Textos didáticos, acadêmicos, jornalísticos e publicitários
R2 (Grupo 2)	Licenciatura em Letras Português/Inglês	1974	19 anos	Sim	Textos acadêmicos
R3 (Grupo 2)	Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos	Cursando o último semestre do Curso	3 anos	Sim	Textos acadêmicos
R4 (Grupo 2)	Licenciatura em Letras; Especialização em Revisão de Textos; Mestrado em Ciências da Linguagem	2008; 2015; em andamento .	4 anos	Não	Textos acadêmicos (artigos para publicação) e textos aprovados para publicação como livro

R5 (Grupo 3)	Licenciatura em Letras; Mestrado em Estudos da Linguagem	2013; 2016	4 anos	Sim	Textos acadêmicos
-------------------------	--	------------	--------	-----	-------------------

Como mostra a tabela, quatro dos cinco revisores têm pouco tempo de experiência no campo de revisão de textos, somente R2 já trabalha na área há 19 anos. Quanto à formação acadêmica, considerando que Cursos voltados especificamente à revisão de textos são recentes, nossa hipótese inicial de que a maioria dos revisores atuantes nesse mercado de trabalho tem formação em Licenciatura em Letras, Jornalismo ou Comunicação foi comprovada.

De todos os revisores, apenas um tem formação específica na área, R4, que possui especialização em revisão de textos. Porém, R3, apesar de ainda estar cursando o Curso de Bacharelado em Letras, será o único profissional voluntário desta pesquisa que terá formação superior em revisão textual. Além de R3, há outro revisor que não tem diploma de graduação, pois ainda está cursando Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (R1).

No que se refere à atuação desses profissionais, percebemos que somente um revisor (R4) trabalha de forma efetiva para uma empresa, pois os demais atuam de maneira autônoma, como *freelancer*. Além disso, observamos que todos os participantes de nosso estudo revisam textos acadêmicos. Apenas R1 e R4 revisam outros tipos de textos. R1, que trabalha como *freelancer*, revisa também textos didáticos, jornalísticos e publicitários; R4, que é contratado por uma editora universitária, revisa, além dos artigos aprovados para publicação no periódico científico da editora, textos aprovados para serem publicados como livro.

Seguindo, então, com a análise das demais questões do questionário, buscamos alcançar o objetivo de verificar se os revisores cumprem as etapas sugeridas por Malta (2000), Oliveira (2010) e Coelho Neto (2013). Os dados mostram um breve resumo do que cada autor defende ser fundamental para a realização de uma revisão adequada.

Ao estudar as obras que versam sobre a revisão, foi possível perceber que, basicamente, os três autores afirmam ser necessário fazer uma leitura prévia do texto, antes de começar a revisão propriamente dita. Malta (2000) declara que

existem técnicas para a realização de uma revisão, tais como a leitura e a releitura. Além disso, o autor diz que a revisão, para ser efetuada, deve passar por três etapas. A primeira refere-se à leitura prévia do material; a segunda, ao ato de o revisor ler o texto pela segunda vez, já fazendo as modificações e correções necessárias; e a terceira etapa remete à releitura do texto, feita após a revisão, com o intuito de perceber detalhes e erros que, à primeira vista, poderiam não ser percebidos.

Já para Oliveira (2010), além da leitura prévia, existem pelo menos mais três etapas que o revisor precisa cumprir para efetuar uma revisão textual. Segundo a autora, primeiro devem ser analisados os aspectos discursivos e, depois, os aspectos estruturais. Ou seja, em uma primeira revisão, o revisor lê o texto com o intuito de entender para que e por quem ele é produzido, além de observar as questões de coesão, coerência e circulação. Em uma segunda revisão, o profissional relê o texto buscando analisar as questões de concordância verbal e nominal, ortografia, pontuação, acentuação e as normas pelas quais o texto deverá ser ajustado. Por fim, a terceira revisão consiste em o revisor debater com o autor os problemas encontrados no texto, com o objetivo de sanar possíveis dúvidas.

Assim como Oliveira (2010), Coelho Neto (2013) entende que a revisão textual realiza-se por meio de três etapas. Segundo ele, a primeira é aquela feita pelo próprio revisor, formada por duas leituras e realizada por meio da comparação de originais da obra. A segunda revisão consiste na comparação das emendas com os originais já trabalhados. Por fim, a terceira revisão refere-se à última leitura do texto, ou seja, trata-se da revisão feita sobre a prova heliográfica, a chamada prova de prelo, visto que simula a paginação de um livro ou revista.

Assim, com o objetivo de investigar quais as etapas foram realizadas de acordo com a quantidade de leituras praticadas pelos profissionais revisores, tanto no trabalho diário quanto na revisão do texto-base, e também o modo como procederam para revisá-lo, observamos, agora, as respostas dadas às questões cinco, oito e dez. A partir dessas observações, chegamos aos seguintes resultados: dos 14 revisores participantes, quatro fizeram apenas uma leitura; nove realizaram duas leituras e somente um revisor fez três leituras do texto.

Como já mencionado, alguns dos critérios utilizados para a seleção dos cinco revisores foram as especializações na área de revisão e as experiências desses profissionais. Sendo assim, dos quatro revisores que efetuaram apenas uma leitura

do texto-base, optamos por selecionar somente um para compor o *corpus* deste estudo, pelo fato de ele ser o único profissional do grupo a possuir mestrado em Estudos da Linguagem. Quanto aos revisores que efetuaram duas leituras do texto, optamos selecionar três participantes, uma vez que se trata de um grupo com maior número de pessoas. Para esse grupo, portanto, selecionamos os dois revisores com formação específica na área de revisão e aquele que mais possui experiência no ramo. Já com relação às três leituras efetuadas do texto, tivemos uma única opção, dado que apenas um revisor assim as fez.

À vista disso, separamos esses cinco revisores em três grupos distintos, levando em conta também as etapas que cumpriram durante o processo de revisão. Portanto, o Grupo 1 fez três etapas e é formado por um revisor (R1); o Grupo 2 realizou duas etapas e é constituído por três revisores (R2, R3 e R4) e o Grupo 3 fez uma etapa e é formado por um revisor (R5). Baseando-nos nas duas primeiras etapas descritas por Oliveira (2010), observamos, então, as respostas obtidas com a questão cinco, mostrando como os profissionais procedem ao revisar o texto-base, separando ou não os problemas gramaticais dos elementos responsáveis pela coerência. Já a observação com relação à terceira etapa defendida pela autora será discutida mais à frente. A tabela que segue contém as respostas de cada revisor.

Tabela 3 – Questão 5: respostas dos revisores

Revisores	Questão cinco: respostas
R1 (Grupo 1)	“Com relação à reparação dos problemas, eu primeiro rejo as questões gramaticais e, até mesmo, os erros de digitação que são bastante frequentes. Com todas as palavras corrigidas, passo a fazer as alterações para melhoria de coesão do texto”.
R2 (Grupo 2)	“Anoto, corrojo e explico os porquês de tudo”.
R3 (Grupo 2)	“Não separo. Vou revisando as duas partes simultaneamente”.
R4 (Grupo 2)	“[...] vou lendo o texto e fazendo as modificações que julgo necessárias. Tanto os problemas gramaticais quanto os de elementos relativos a coerência e compreensão são corrigidos ao mesmo tempo [...]”.

R5 (Grupo 3)	"Há casos em que o problema gramatical influi na compreensão do texto. Nestes eu faço um comentário indicando os efeitos de sentido da alteração e pergunto ao autor se ele concorda ou não com a alteração. No mais, quando o problema envolve coerência e compreensão textual, faço um comentário sobre o problema identificado e faço sugestões, pedindo que ele reescreva para que eu proceda à revisão".
---------------------	---

A partir das falas dos revisores, percebemos que R1 não cumpre as etapas descritas pela autora, visto que primeiro corrige os erros gramaticais e de digitação, ao invés de corrigir questões que envolvem a estrutura da frase e do parágrafo, com foco em elementos que garantem a coerência. Ou seja, R1 inverte as sugestões de revisão feitas por Oliveira (2010). Já R2, com uma resposta mais sucinta, não explicita se faz ou não a separação dos problemas abordados na questão, talvez por não comprehendê-la ou pelo fato de realmente não fazer essa separação ao revisar um texto.

Diferentemente de R2, R3 e R4 deixam claro em suas respostas que não fazem separação entre os aspectos discursivos e os estruturais; pelo contrário, os revisam simultaneamente, isto é, também não realizam as orientações citadas por Oliveira (2010). Por fim, o último revisor, R5, apesar de discorrer sobre o modo como corrige os problemas gramaticais responsáveis pela coesão e também pela coerência, não cita a partir de qual deles inicia a revisão. R5 esclarece apenas que, ao corrigir problemas das duas naturezas, faz comentários direcionados ao autor sugerindo e indicando as mudanças que precisam ser feitas no texto.

Com relação à questão oito, cujo objetivo era observar como é feita a leitura do material por parte do revisor, foi possível identificar as etapas realizadas por eles e chegamos ao seguinte resultado:

Tabela 4 – Questão 8: respostas dos revisores

Revisores	Questão oito: respostas
R1 (Grupo 1)	"Leio todo o material, para entender sobre o que se trata. Na primeira leitura, já é possível visualizar os erros gramaticais e de coerência, porém ainda não faço as alterações".

R2 (Grupo 2)	“Leio tudo antes. Depois, corrojo. Anotando item por item. Reviso por etapas: pontuação, concordância, formatação, citações, referências (pela ABNT ou por Vancouver)”.
R3 (Grupo 2)	“Não leio todo o texto antes. Vou lendo e revisando já na primeira leitura. Acontece de, às vezes, eu retornar o parágrafo para uma melhor compreensão da construção sintática quando identifico inadequação”.
R4 (Grupo 2)	“Não leio todo o texto antes de começar; vou lendo e já fazendo as correções. Não consigo fazer uma primeira leitura mais global e depois deter-me nos problemas, tanto porque não consigo deixar para corrigir os problemas depois, como porque o prazo para a revisão do texto é curto”.
R5 (Grupo 3)	“A leitura do material a ser revisado é feita, normalmente, em arquivo digital. Poucas vezes li o texto antes de revisar, faço isso apenas quando se trata de texto menor”.

Os cinco revisores responderam a questão conforme esperávamos, uma vez que deixaram claro em suas respostas o modo como atuam sobre um texto, explicando se fazem ou não a leitura prévia do material destinado à revisão. Contudo, para verificar quais etapas são cumpridas pelos profissionais, de acordo com as leituras que fazem dos textos, foi preciso analisar também as descrições feitas por eles após a revisão do texto-base.

Dessa forma, estudando os dizeres dos revisores, percebemos que todos eles cumprem as etapas descritas por Malta (2000), lendo, por vezes, uma, duas ou, até mesmo, três vezes os textos que revisam. R1, pertencente ao grupo 1 (de três etapas), explica com clareza que, ao praticar a revisão, primeiro faz uma leitura completa do material, buscando entender sobre o que se trata o texto, já visualizando os problemas que devem ser corrigidos. Nessa primeira leitura, R1 diz não fazer nenhuma alteração no texto, pois apenas identifica os erros a serem corrigidos.

Com base na descrição feita por R1, após a revisão do texto enviado por e-mail (Anexo 3, item A), concluímos que ele foi o único revisor a desempenhar as três etapas recomendadas por Malta (2000), dado que efetuou três leituras do texto revisado. Chegamos a essa conclusão porque, em sua escrita, o revisor afirmou ter realizado uma primeira leitura do texto sem intervir nos problemas identificados e

que, somente na segunda leitura, passou a corrigir os desvios gramaticais. Identificamos a terceira etapa quando o profissional afirmou ter lido o texto pela terceira vez, buscando entender o contexto e fazendo pequenas modificações para melhorar a coerência e a coesão do texto.

No caso de R2, do grupo 2 (efetuou duas etapas), apesar de ele realizar a revisão por etapas, conforme afirmou, possivelmente não seguiu as orientações de Oliveira (2010), visto que, conforme sua resposta, a revisão partiu de questões gramaticais e depois para as questões de coerência e formatação do texto. Porém, ainda com base nas respostas de R2, concluímos que ele seguiu duas das etapas defendidas por Malta (2000): a primeira e a segunda, pois disse ter feito uma leitura global do texto antes de começar a revisá-lo e, somente após essa leitura, passou a intervir nos problemas identificados. Entretanto, na descrição feita após a revisão do texto (Anexo 3, item G), R2 declarou que os problemas de ortografia, pontuação e sintaxe foram corrigidos automaticamente durante a leitura. Esse relato causou-nos incerteza sobre o real cumprimento das duas primeiras etapas descritas pelo autor, pois não há nada que esclareça sobre em que leitura esses problemas foram corrigidos, se em uma primeira ou segunda.

Ao analisar a resposta de R3, do grupo 2 (fez em duas etapas), percebemos que a primeira etapa proposta por Malta (2000) não foi praticada por esse revisor, uma vez que ele não leu todo o texto antes de revisá-lo. Com a revisão sendo realizada já na primeira leitura, consideramos que o profissional cumpriu a segunda etapa descrita pelo autor. Além disso, quando o revisor mencionou retornar ao parágrafo para identificar alguma inadequação, concluímos que esse procedimento é a realização da terceira etapa, ou seja, a leitura feita após a revisão com o intuito de identificar problemas que antes não foram percebidos. Ademais, na descrição das estratégias utilizadas para a revisão do texto-base (Anexo 3, item H), R3 esclareceu que efetuou uma segunda leitura do texto, ajustando inadequações linguísticas e semânticas.

Assim como R3, R4, que também pertence ao grupo 2 (com duas etapas), não leu todo o texto antes começar a revisão; pelo contrário, foi lendo e já fazendo as correções necessárias. O revisor declarou não fazer uma primeira leitura dos textos porque não consegue deixar para corrigir os problemas depois e também porque o prazo para a conclusão das revisões costuma ser curto. R4, ao descrever sua atuação no texto enviado por e-mail (Anexo 3, item I), afirmou que, depois de ler

frase por frase, fazendo as devidas modificações, releu cada parágrafo para conferir se ainda existiam problemas no texto. Com esse procedimento, constatamos que R3 cumpriu a segunda e a terceira etapas propostas por Malta (2000), visto que leu o texto por duas vezes.

Por fim, R5, que faz parte do grupo 3 (fez uma etapa), ao responder a questão oito, alegou que costuma fazer uma leitura prévia do material destinado à revisão apenas quando se trata de textos pequenos. Contudo, apesar de o texto-base ter somente três parágrafos, o revisor não mencionou, na sua descrição da revisão, se efetuou ou não uma releitura. Com isso, concluímos que R5 não cumpriu a primeira nem a terceira etapa descrita pelo autor em estudo, somente a segunda, que se refere ao ato de ler o texto já intervindo nos problemas constatados.

Agora, vamos discorrer sobre a questão 10, referente à leitura no processo de revisão de textos, na qual os revisores tiveram que expressar suas opiniões sobre o assunto (Anexo 2). Ao observar as respostas dos profissionais, percebemos que todos eles, exceto R4, responderam a pergunta de forma breve, inclusive com conceitos parecidos. Os revisores, basicamente, afirmam que a leitura é indispensável para a atividade de revisão e que, sendo praticada de forma atenta e interessada, constitui um suporte fundamental para revisar qualquer material. Também defendem que o revisor é um leitor e que quem não lê não escreve bem, portanto, não tem condições de revisar textos.

R4 foi o único profissional a responder a questão de forma mais expressiva. Em sua resposta, afirmou que o revisor não deve corrigir apenas erros de ortografia e de gramática, mas também procurar melhorar o texto, tornando-o mais claro, coeso e coerente, e, para isso, a leitura é essencial. R4 declarou que todas essas intervenções requerem uma leitura mais atenta, mesmo a correção de erros ortográficos que, por vezes, passam despercebidos quando se realiza uma leitura mais global do texto. O revisor afirmou ainda que tanto as sugestões de mudanças mais complexas quanto a revisão de problemas de concordância exigem uma leitura mais concentrada, uma vez que para ambos os procedimentos é necessário um bom entendimento do sentido do texto.

Com a finalidade de saber se os revisores participantes desta pesquisa realizam a terceira etapa descrita por Oliveira (2010), analisamos as respostas da questão seis, na qual indagamos se esses profissionais conversam com o autor do texto revisado, a fim de sanar dúvidas (Anexo 2). As respostas mostram que todos

os revisores mantêm contato com os autores, ou seja, os cinco cumprem a terceira etapa defendida por Oliveira (2010). R1, por exemplo, disse contatar com o autor para ter certeza sobre o uso de palavras técnicas ou muito particulares, que não podem ser substituídas. R2 declarou não aceitar trabalhos sem a participação ativa do cliente. Já R4 utiliza os recursos de balões de comentários, disponíveis no programa de processamento de texto *Microsoft Word*, para enviar suas dúvidas ao autor. Além disso, quando o problema é muito grande, R4 diz chamar o autor para conversar pessoalmente. Tanto R3 quanto R5, sem darem muitos detalhes, alegam que mantêm contato com os autores dos textos revisados.

No que se refere às questões sete e nove, afirmamos que elas foram elaboradas com o objetivo de entender como algumas práticas relacionadas à revisão de textos são desempenhadas pelos revisores voluntários desta pesquisa. Essas questões indagam se os profissionais realizam nova revisão depois de ajustar o texto e repassá-lo ao autor, e também sobre o tempo que levam, em média, para revisar um texto (Anexo 2).

Com relação a essas respostas, R1 disse que sim, costuma fazer nova revisão, porém não a faz em seguida, devido seus olhos estarem acostumado com o conteúdo do texto. A respeito do tempo que leva para revisar, R1 disse ser muito relativo, pois depende do assunto tratado no texto, que, às vezes, envolve pesquisas. R2 alegou realizar inúmeras novas revisões pelo fato de ser uma pessoa muito criteriosa e perfeccionista. Sobre o tempo, R2 afirmou depender do texto, visto que não faz uma simples revisão, mas acompanhamentos. Por esse motivo, sua média de tempo é de três meses para cada cliente, com textos de 70 a 100 páginas no total.

R3 explicou que, por vezes, surge a necessidade de um ajuste ou outro, mas que somente realiza nova revisão a pedido do autor. Quanto ao tempo de revisão, afirmou que não há como determinar um período médio, pois há textos curtos e de complexa leitura e outros mais longos de fácil compreensão. Segundo o revisor, esses fatores, somados ao tempo de prática e à experiência do profissional, determinam a quantidade de tempo que necessita um trabalho de revisão textual.

Assim como os demais revisores, R4 assumiu fazer nova revisão, porém de forma superficial. O revisor também disse utilizar tanto o corretor ortográfico quanto a ferramenta de comparação do programa *Word* para sanar algum problema e verificar se as alterações foram feitas pelo autor do texto. R4 disse ainda que seu

prazo padrão para revisar um texto é de dez páginas A4 por turno de trabalho (seis horas), tendo dias em que consegue produzir mais, outros menos. Além do mais, o revisor alegou que, quando necessário, consegue revisar de forma mais rápida. Entretanto, tem consciência de que terá menos tempo para refletir sobre o texto, podendo não notar alguns problemas.

Por fim, R5 declarou que, após a primeira revisão e apreciação do autor, em alguns casos, ele precisa reescrever trechos, fazendo uma segunda revisão, aceitando as alterações e lendo os comentários feitos pelo próprio autor. Já com relação ao tempo que leva para efetuar uma revisão, R5 disse considerar positiva uma média de 20 laudas (1600 caracteres com espaço) por dia.

Portanto, para concluir a primeira parte das análises deste estudo, passamos às respostas dadas para a última pergunta do questionário, a questão 11, na qual indagamos o que é necessário para se tornar um bom revisor de textos. Reunimos as respostas na tabela abaixo.

Tabela 5 – Questão 11: respostas dos revisores

Revisores	Questão 11: respostas
R1 (Grupo 1)	“Gostar de ler (sobre todos os assuntos) e sempre buscar a excelência na língua portuguesa.”
R2 (Grupo 2)	“Gostar muito de estudar, principalmente a língua portuguesa.”
R3 (Grupo 2)	“Acredito que o tempo de prática e a experiência no ramo contam muito, além disso, é fundamental o domínio das regras gramaticais e do uso da língua conforme a norma culta. Conhecimentos gerais (de mundo) e a constante leitura e produção da escrita também favorecem a prática do trabalho de revisar.”
R4 (Grupo 2)	“É necessário conhecer bem a língua portuguesa, escrever bem (para o caso de reescrever trechos ou propor mudanças maiores), ser detalhista, desconfiar de tudo (inclusive do próprio conhecimento), pesquisar muito para evitar corrigir o que já está certo, e saber onde pesquisar. É desejável também ter uma bagagem de conhecimento geral, que permite detectar inconsistências, incoerências ou trechos obscuros em textos das mais variadas áreas do conhecimento.”

R5 (Grupo 3)	"Em resumo, para se tornar um bom revisor, considero que é preciso dominar a 'gramática' da língua e os processos de construção textual. Também, o revisor deve ser um leitor assíduo e crítico, capaz de perceber as contradições possíveis entre as ideias contidas no texto do autor. Nesse sentido, o revisor não deve ser entendido como um corretor de textos, mas como um profissional cuja finalidade é agir no texto de modo a prepará-lo para o meio social em que ele é requisitado."
---------------------	--

Perante o exposto, percebemos que três dos cinco revisores mencionaram a leitura como importante hábito ao profissional que trabalha com revisão de textos. Segundo R5, o revisor deve ser um leitor assíduo e crítico, capaz de identificar possíveis incoerências no texto do autor. Além da leitura, os revisores citam também a importância do gosto pelo estudo, principalmente no que se refere às regras gramaticais da língua portuguesa. Ou seja, declararam ser fundamental ao revisor o conhecimento de gramática, assim como o domínio da escrita. Pois, conforme R4, escrever bem é necessário, tanto para propor eventuais mudanças no texto quanto para reescrever determinados trechos.

Outro aspecto que os participantes desta pesquisa consideraram ser importante ao revisor de textos é o conhecimento de mundo. Na opinião de R4, é desejável ao revisor uma bagagem de conhecimento geral que lhe permita detectar inconsistências ou trechos confusos em textos das mais diferentes áreas. Sob essa perspectiva, R5 afirmou que o revisor não pode ser visto apenas como um corretor de texto, mas como um profissional que age sobre o texto, a fim de prepará-lo para o meio social em que circula. Por fim, destacamos o ponto de vista de R3, no qual disse acreditar que o tempo de prática e a experiência no ramo favorecem a realização do trabalho de revisão, uma vez que esses aspectos, atrelados a todos os conhecimentos já mencionados, tornam a atividade de revisar mais produtiva.

Como já visto, o modelo de revisão descrito por Coelho Neto (2013) é voltado especificamente à revisão de livros em editoras. Por esse motivo, não foram mencionadas, nessa segunda parte das análises dos dados, as etapas descritas pelo autor. Pois, dos cinco revisores que selecionamos para este estudo, apenas um trabalha de forma efetiva em uma editora e, mesmo assim, não diz realizar nenhuma das etapas descritas pelo escritor. Por consequência, a análise do questionário foi desenvolvida, então, com base nas orientações de Malta (2000) e de Oliveira (2010).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito inicial do presente estudo foi analisar se os revisores fazem uso das etapas de revisão sugeridas pelos autores Malta (2000), Oliveira (2010) e Coelho Neto (2013), utilizando diferentes estratégias de leitura e de correção linguístico-discursiva, ao revisar textos das mais variadas áreas do conhecimento. Além disso, buscamos averiguar como esses profissionais entendem e consideram a leitura na sua profissão.

Com a análise dos dados coletados, pudemos perceber que os conceitos, as etapas mais utilizadas pelos revisores foram as descritas por Malta (2000). Além do mais, a hipótese inicial de que a maioria dos revisores iniciantes, dependendo do material a ser trabalhado, faz uma leitura minuciosa e completa do texto para, posteriormente, na releitura, começar a revisá-lo, em parte, não se confirmou. Pois, apesar de quatro dos cinco revisores possuírem pouca experiência em revisão, apenas um afirma ler todo o texto antes da correção propriamente dita. O outro revisor que assim afirma agir é o profissional que mais tem tempo de serviço e prática na área. Dessa forma, nossa segunda hipótese, que a experiência do revisor influenciaria na leitura prévia do material, uma vez que a revisão passa a ser mais espontânea, também não se confirmou.

Ainda com relação à leitura, acreditávamos que a extensão do texto a ser revisado e o tempo estipulado pelos clientes para a conclusão da revisão também fossem fatores influentes no modo de ler e revisar o material como um todo. Essa suposição se confirmou parcialmente, visto que alguns dos revisores mencionaram ler todo o material designado à revisão somente quando se trata de textos pequenos e confirmaram que o prazo para a revisão, de fato, costuma ser curto.

Partimos do princípio de que, em um primeiro momento, os revisores fariam a correção dos problemas gramaticais *marcados linguisticamente* visíveis na superfície do texto, elementos responsáveis pela coesão, tais como erros de grafia, de acentuação gráfica, incluindo a crase, de pontuação, de concordância verbal e nominal etc. E somente depois disso, em uma releitura, eles se ateriam à estrutura da frase e do parágrafo, visando clarear os sentidos, com foco em elementos que garantem a coerência do texto. Essas hipóteses se confirmaram após a análise das respostas obtidas na questão cinco, na qual os revisores descreveram o modo como procederam ao revisar o texto-base.

Com relação aos problemas existentes no texto-base de nossa pesquisa, percebemos que os menos solucionados pelos revisores foram os de repetição lexical e de marca de oralidade. Esses problemas, basicamente, passaram despercebidos pelos profissionais. Também nos chamou a atenção o fato de apenas dois revisores se aterem ao uso incoerente do conectivo na linha dois (2), que concluía a ideia expressa na frase anterior, ao invés de se opor a ela. Nesse caso, poderíamos pensar que a prática no exercício da profissão, adquirida com o tempo por esses revisores, possibilitaria-lhes a capacidade de uma melhor identificação dos problemas. Contudo, nem sempre a experiência define a competência de um profissional de textos, como é o caso de R2, que trabalha há 19 anos com a revisão de textos e também não identificou diversas incorreções.

Quanto às leituras desempenhadas pelos revisores, constatamos que, apesar de o texto-base ter sido lido três vezes pelo revisor do grupo um (1), por exemplo, diferentes tipos de problemas deixaram de ser percebidos e corrigidos, talvez por falta de atenção desse profissional, ou mesmo por ele realizar a revisão de modo apressado. Nossa estimativa era que quanto mais leituras faz o revisor, mais problemas ele identifica no texto. Porém, essa foi mais uma postulação não confirmada.

Percebemos que R4, mesmo fazendo apenas duas leituras, foi o revisor que mais interveio no texto, uma vez que atentou não só para os problemas de coesão, mas também para a organização da frase e do sentido nela expressa, dando mais coerência ao texto e, consequentemente, facilitando seu entendimento. Apesar das diversas modificações, R4 afirmou, na descrição feita após a revisão, que o texto ainda precisaria de mais fluência, mas que, em diversos trechos, não soube como resolver o problema.

Ao comparar as cinco revisões, notamos que cada revisor possui um modo particular de revisar textos, ou seja, age de diferentes maneiras, utilizando diversos tipos de ferramentas e recursos. Alguns profissionais destacaram as alterações feitas no texto, através da mudança de cor da fonte e do uso da ferramenta *controle de alterações*, disponível no programa *Word*. Além disso, dos cinco revisores, três fizeram o uso do recurso de *balões de comentários* (disponível no mesmo programa) para fazer sugestões, observações e até mesmo descrever o modo como procederam ao revisar o texto-base. R1 foi o único revisor a não destacar as modificações feitas durante a revisão do texto. A postura adotada por ele dificulta

que o autor visualize as intervenções feitas em seu escrito, podendo gerar mal-entendidos. Sob essa perspectiva, Coelho Neto (2013, p. 112) sugere que o revisor “Faça as suas intervenções de forma clara. Estabeleça um critério para diferenciar (1) as alterações que não admitem contestação e (2) as que se apresentam como sugestões suas”.

Com nosso estudo, podemos dizer não ser possível determinar um perfil único para o revisor de textos, pois, como mencionado, a postura dos profissionais em relação ao texto inicial foi variável. Algumas revisões foram mais limitadas; outras mais ousadas, com modificações mais perceptíveis, como na revisão desempenhada por R1, por exemplo, que alterou as estruturas dos parágrafos.

Para finalizar, falamos, então, sobre a importância da leitura na atuação do revisor de textos. Com base nas repostas obtidas na questão 11, elaborada para entender como os revisores veem o papel da leitura no processo de revisão, concluímos que, embora os cinco estejam cientes de que ler é indispensável para exercer adequadamente sua profissão, precisam efetuar leituras de forma mais atenta e apurada, evitando, assim, certos deslizes na revisão.

Embassamos essa afirmação nas repostas fornecidas pelos profissionais voluntários, quando declararam que a leitura, além de ser essencial para a aquisição de conhecimentos e também para mantê-los atualizados sobre diversos assuntos, é uma ferramenta de trabalho crucial para a revisão de qualquer material. Os revisores se mostraram cientes também sobre os conhecimentos que devem dominar, seja em relação à língua sobre a qual atuam, frente à escrita, seja diante das obrigações e responsabilidades que assumem ao trabalhar com textos de outrem.

Foi satisfatório perceber que os profissionais de revisão, independentemente de sua formação, veem a leitura como instrumento intrínseco e necessário a essa prática. Afinal, é por meio da leitura que os revisores criam estratégias para adquirir conhecimentos e, principalmente, para revisar um texto que, por vezes, pode ser complexo, o que exige maior qualificação, dedicação e atenção.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Análises de textos:** fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CAVALCANTE, Marina Pereira. **Os desafios da produção textual e a importância do revisor na análise de textos.** Julho, 2011. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1941/1/2011_MarinaPereiraCavalcante.pdf. Acesso em: 14 de março de 2017.
- COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão:** critérios para revisão textual. 3^a edição. Brasília: SENAC, 2013.
- FÁVERO, Leonor L.; KOCH, Ingedore G. V. **Lingüística textual: uma introdução.** São Paulo: Cortez, 1988.
- FIDALGO, Marta F. G. Marques. **Guia para revisores de texto:** uma proposta para o exercício de uma profissão pouco (re)conhecida. Abril, 2014. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/13518/1/Guia.para.Revisores.de.Texto.pdf>. Acesso em: 13 de novembro de 2017.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à lingüística textual:** trajetória e grandes temas. 2^a edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- _____. **Ler e compreender os sentidos do texto.** 3^a edição. São Paulo: Contexto, 2015.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 16^a edição. São Paulo: Pontes Editora, 2016.
- LEMOS, Mayara Espíndola. **A relevância do trabalho do revisor de textos:** Um estudo para além da revisão linguístico-gramatical. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação, Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos). Pelotas - Universidade Federal de Pelotas: Centro de Letras e Comunicação. Pelotas, 2014.
- LEMOS, Mayara Espíndola. **Fundamentos à prática de revisão de textos.** Porto Alegre: Metamorfose, 2017.
- MALTA, Luiz Roberto S. S. **Manual do revisor.** São Paulo: WVC, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola, 2010.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica:** A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas. São Paulo: Atlas, 2000.
- OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. **Revisão de textos:** da prática à teoria. Natal, RN: Edufrn, 2010.
- ORLANDI, Juliane Mattei. **O processo de revisão de textos:** alteração, sugestão e paráphrase. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação, Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos). Pelotas - Universidade Federal de Pelotas: Centro de Letras e Comunicação. Pelotas, 2014.

PASSOS, João Augusto de Oliveira; SANTOS, Maria Lino dos. **Leituras, revisão textual e o revisor.** Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2011/07/LEITURAS-REVISAO-TEXTUAL-E-O-REVISOR.pdf>. Acesso em: 04 de junho de 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6^a edição. Porto Alegre: Penso, 1998.

ANEXOS

Anexo 1 – Texto de base designado à revisão



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Texto

1

1 Alguns escritores com o propósito de minimizar possíveis falhas incoerências
2 ou inadequações, durante a atividade de escrita revisam seus próprios textos. Logo,
3 essa revisão para a pessoa que diretamente está envolvida na criação, é um tanto
4 difícil, pois o autor fica muito próximo de seus escritos, o que os impedem de
5 perceber os erros por eles cometidos e é por esse motivo que a revisão precisa ser
6 desenvolvida por um profissional capacitado – o revisor de textos.

7 O revisor, precisa ter como suas características próprias um bom
8 conhecimento de mundo e uma boa cultura geral. Dominar os usos dos gêneros
9 textuais faz do revisor um profissional apto a trabalhar com os mais variados textos
10 que circulam na nossa sociedade. Ser um bom revisor exige muita dedicação e
11 estudos, uma vez que o texto que é seu material de trabalho, é elaborado pelas mais
12 diferentes pessoas, nas mais variadas áreas de conhecimento e de atuação, daí à
13 necessidade do revisor estar informado e atualizado recorrendo, ao longo sua
14 carreira, a cursos de reciclagem e a leitura de mauais e de boas gramáticas.

15 Portanto, ao realizar a revisão textual é precindível que os revisor analisem o
16 texto de um modo geral, compreendendo o seu sentido e a mensagem que pretende
17 transmitir, através do que está escrito. Também o revisor não pode deter-se somente
18 a uma revisão ortográfica e de sintaxe, ele deve levar em conta os fatores externos
19 que interfere na construção de um texto, todos os elementos que constituem o
20 sentido, o estilo do autor bem como a quem o texto se destina.

Anexo 2 – Questionário a ser respondido pelos revisores



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTA
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**



Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos

Este questionário, elaborado como parte de pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso, tem como objetivo refletir sobre o trabalho de revisão de textos.

1 – Você possui formação acadêmica? Se sim, qual? Quando e onde ela foi realizada?

2 – Há quanto tempo você trabalha com a revisão de textos?

3 – Você trabalha como *freelancer* ou é revisor(a) contratado(a) por alguma empresa?

4 – Que tipo de texto você revisa?

- Textos didáticos
- Textos acadêmicos (monografias, dissertações, teses etc.)
- Textos jurídicos
- Textos literários
- Textos jornalísticos/publicitários
- Outros:

5 – Como você procede ao revisar um texto? Ao revisar, você separa os problemas gramaticais dos elementos responsáveis pela coerência e compreensão de um texto?

6 – Normalmente, você conversa com o autor do texto revisado para tirar alguma dúvida?

7 – Você costuma realizar nova revisão depois de ajustar o texto e repassá-lo ao autor?

8 – Como é feita a leitura do material a ser revisado? Você lê todo o texto antes de iniciar a revisão? Como ocorre o processo de revisão?

9 – Quanto tempo, em média, você leva para revisar um texto?

10 – No seu entender, qual é o papel da leitura no processo de revisão de textos?

11 – Para você, o que é necessário para se tornar um bom revisor de textos?

Anexo 3 – Respostas dadas pelos voluntários



A) Respostas de R1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos
Aluna: Aline Schaun

Este questionário, elaborado como parte de pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso, tem como objetivo refletir sobre o trabalho de revisão de textos.

1 – Você possui formação acadêmica? Se sim, qual? Quando e onde ela foi realizada?

Estou cursando Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda. Estou no terceiro ano.

2 – Há quanto tempo você trabalha com revisão de textos?

Há cerca de 1 ano.

3 – Você trabalha como freelancer ou é revisor(a) contratado(a) por alguma empresa?

Somente freelancer.

4 – Que tipo de texto você revisa?

- (x) Textos didáticos
- (x) Textos acadêmicos (monografias, dissertações, teses etc.)
- () Textos jurídicos
- () Textos literários
- (x) Textos jornalísticos/publicitários
- () Outros:

5 – Como você procede ao revisar um texto? Ao revisar, você separa os problemas gramaticais dos elementos responsáveis pela coerência e compreensão de um texto?

Com relação à separação dos problemas, eu primeiro reviso as questões gramaticais e, até mesmo, os erros de digitação, que são bastante frequentes.

Com todas as palavras corrigidas, passo a fazer as alterações para melhoria de coesão do texto.

6 – Normalmente, você conversa com o autor do texto revisado para tirar alguma dúvida?

Como já revisei textos sobre variados assuntos, quase sempre entro em contato com o autor para sanar dúvidas. Por exemplo, algumas palavras técnicas ou muito particulares sobre determinado assunto, que não podem ser substituídas.

7 – Você costuma realizar nova revisão depois de ajustar o texto e repassá-lo ao autor?

Sim, mas não faço isso logo quando acabo de revisar, devido à questão dos “olhos acostumados” com aquele conteúdo.

Quando sobra um tempinho, espero algumas horas para reler aquele texto. (Quase sempre é necessária alguma nova alteração)

8 – Como é feita a leitura do material a ser revisado? Você lê todo o texto antes de iniciar a revisão? Como ocorre o processo de revisão?

Leio todo o conteúdo, para entender sobre o que se trata. Nessa primeira leitura, já é possível visualizar os erros gramaticais e de coerência, porém ainda não faço as alterações.

Após, copio o texto para um novo arquivo e passo a fazer as correções. Como não uso nenhum programa de revisão, o trabalho acaba sendo bastante manual, mas não vejo problemas nisso. Apenas quando o prazo é muito apertado, rs!

9 – Quanto tempo, em média, você leva para revisar um texto?

É muito relativo. Já revisei textos de 500 palavras e textos de mais de 10 laudas.

Além disso, depende do assunto tratado no texto, pois, às vezes, envolve pesquisas.

10 – No seu entender, qual é o papel da leitura no processo de revisão de textos?

A leitura é importante tanto para captar os erros do texto, quanto para ter uma boa interpretação daquilo que está sendo tratado.

11 – Para você, o que é necessário para se tornar um bom revisor de textos? Gostar de ler (sobre todos os assuntos) e sempre buscar a excelência na língua portuguesa.

Anexo 3 – Respostas dadas pelos voluntários



B) Repostas de R2



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos
Aluna: Aline Schaun**

Este questionário, elaborado como parte de pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso, tem como objetivo refletir sobre o trabalho de revisão de textos.

1 – Você possui formação acadêmica? Se sim, qual? Quando e onde ela foi realizada?

Sim. Graduada em Letras (Português-Inglês), 1974.

2 – Há quanto tempo você trabalha com revisão de textos?

Desde 1998. Vou completar vinte anos de trabalho nessa área. Na verdade, atuo no acompanhamento de trabalhos acadêmicos, visto que a maioria dos alunos não sabe redigir e não tem o apoio adequado na instituição de ensino que frequenta.

Também atuo como tradutora, se necessário.

3 – Você trabalha como *freelancer* ou é revisor(a) contratado(a) por alguma empresa?

Trabalho para clientes particulares, em especial os da área biomédica.

4 – Que tipo de texto você revisa?

- () Textos didáticos
- (x) Textos acadêmicos (monografias, dissertações, teses etc.)
- () Textos jurídicos
- () Textos literários
- () Textos jornalísticos/publicitários
- () Outros:

Nota: Textos acadêmicos de diferentes áreas, incluindo as de Educação e Direito.

5 – Como você procede ao revisar um texto? Ao revisar, você separa os problemas gramaticais dos elementos responsáveis pela coerência e compreensão de um texto?

Anoto, corrojo e explico os porquês de tudo.

6 – Normalmente, você conversa com o autor do texto revisado para tirar alguma dúvida?

Sempre. Não aceito trabalhos sem a participação ativa do cliente.

7 – Você costuma realizar nova revisão depois de ajustar o texto e repassá-lo ao autor?

Inúmeras delas. Sou muito criteriosa, perfeccionista, embora não perfeita!

8 – Como é feita a leitura do material a ser revisado? Você lê todo o texto antes de iniciar a revisão? Como ocorre o processo de revisão?

Leio tudo antes. Depois, corrojo, anotando item por item. Reviso por etapas: pontuação, concordância, colocação pronominal, regência, coesão, coerência, formatação, citações, referências (pela ABNT ou por Vancouver). Minha revisão abrange todas as partes de um trabalho monográfico, incluindo as normas gerais vigentes e as dos manuais de cada instituição de ensino.

9 – Quanto tempo, em média, você leva para revisar um texto?

Depende do texto. Como não faço uma simples revisão, mas sim acompanhamentos, a média é de três meses para cada cliente, com cerca de 70/100 páginas de texto no total.

Nota: Todas as revisões de trabalhos acadêmicos que me foram enviadas até hoje estavam inaproveitáveis, tamanha a quantidade de erros, falhas no conteúdo, na apresentação, enfim, precisavam ser refeitas. Por isso, caso alguém me solicite revisão, cobro para uma avaliação inicial e dou o meu veredito, incluindo todos os comentários e as orientações para que esse cliente refaça o trabalho.

10 – No seu entender, qual é o papel da leitura no processo de revisão de textos?

Indispensável. Quem não lê, jamais escreverá bem. E quem não escreve bem, não tem condições de revisar textos.

11 – Para você, o que é necessário para se tornar um bom revisor de textos?

Gostar muito de estudar, principalmente a língua portuguesa.

Anexo 3 – Respostas dadas pelos voluntários

C) Respostas de R3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos
Aluna: Aline Schaun

Este questionário, elaborado como parte de pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso, tem como objetivo refletir sobre o trabalho de revisão de textos.

1 – Você possui formação acadêmica? Se sim, qual? Quando e onde ela foi realizada?

Não. (Sou concluinte de um curso de Bacharelado em Letras, com habilitação em revisão de textos).

2 – Há quanto tempo você trabalha com revisão de textos?

Há 3 anos.

3 – Você trabalha como freelancer ou é revisor(a) contratado(a) por alguma empresa?

Freelancer.

4 – Que tipo de texto você revisa?

- () Textos didáticos
- (x) Textos acadêmicos (monografias, dissertações, teses etc.)
- () Textos jurídicos
- () Textos literários
- () Textos jornalísticos/publicitários
- () Outros:

5 – Como você procede ao revisar um texto? Ao revisar, você separa os problemas gramaticais dos elementos responsáveis pela coerência e compreensão de um texto?

Não separo. Vou revisando as duas partes simultaneamente.

6 – Normalmente, você conversa com o autor do texto revisado para tirar alguma dúvida?

Sim, sempre.

7 – Você costuma realizar nova revisão depois de ajustar o texto e repassá-lo ao autor?

Às vezes surge a necessidade de um ajuste ou outro, mas só refaço a pedido do autor.

8 – Como é feita a leitura do material a ser revisado? Você lê todo o texto antes de iniciar a revisão? Como ocorre o processo de revisão?

Não leio todo o texto antes. Vou lendo e revisando já na primeira leitura. Acontece de, às vezes, eu retomar o parágrafo para uma melhor compreensão da construção sintática quando identifico inadequação.

9 – Quanto tempo, em média, você leva para revisar um texto?

Não há como definir a média de tempo, pois há alguns textos curtos e de complexa leitura, e outros mais longos e de fácil compreensão. Esses fatores, somados ao tempo de prática e experiência do profissional, determinam a quantidade de tempo que demanda um trabalho de revisão textual.

10 – No seu entender, qual é o papel da leitura no processo de revisão de textos?

A leitura (minuciosa, atenta e interessada) é fundamental e constitui base fundamental para que se possa revisar qualquer material.

11 – Para você, o que é necessário para se tornar um bom revisor de textos?

Acredito que o tempo de prática e a experiência no ramo contam muito, além disso, é fundamental o domínio das regras gramaticais e do uso da língua conforme a norma culta. Conhecimentos gerais (de mundo) e a constante leitura e produção da escrita também favorecem a prática do trabalho de revisar.

Anexo 3 – Respostas dadas pelos voluntários

D) Respostas de R4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos
Aluna: Aline Schaun

Este questionário, elaborado como parte de pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso, tem como objetivo refletir sobre o trabalho de revisão de textos.

1 – Você possui formação acadêmica? Se sim, qual? Quando e onde ela foi realizada?

Sim, fiz a Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, de 2004 a 2008. Além disso, fiz a Especialização em Revisão de Textos (a distância), de 2013 a 2015, e estou cursando o Mestrado em Ciências da Linguagem. Fiz também o curso de curta duração “Preparação e Revisão de Textos”, e estou fazendo o curso de “Gramática para Preparadores e Revisores”.

2 – Há quanto tempo você trabalha com revisão de textos?

Trabalho com revisão de textos (de forma remunerada) desde 2013 – há quatro anos, portanto. Antes disso, fazia revisão de forma mais esporádica – revisava documentos redigidos no setor onde trabalhava como assistente administrativo, trabalhos e contos de amigos (de forma não remunerada).

3 – Você trabalha como freelancer ou é revisor(a) contratado(a) por alguma empresa?

Sou revisora efetiva numa editora universitária.

4 – Que tipo de texto você revisa?

- () Textos didáticos
- (**x**) Textos acadêmicos (monografias, dissertações, teses etc.)
- () Textos jurídicos

- () Textos literários
() Textos jornalísticos/publicitários
(x) Outros: reviso artigos aprovados para publicação no periódico científico da editora em que atuo e textos aprovados para publicação como livro – boa parte resultante de dissertações e teses.

5 – Como você procede ao revisar um texto? Ao revisar, você separa os problemas gramaticais dos elementos responsáveis pela coerência e compreensão de um texto?

Recebo os textos no Word, ativo o controle de alterações e vou lendo o texto e fazendo as modificações que julgo necessárias. Tanto os problemas gramaticais quanto os de elementos relativos a coerência e compreensão são corrigidos ao mesmo tempo, mas quando há dúvidas sobre o que o autor quis dizer ou quando sugiro mudanças maiores no texto, faço essas perguntas e sugestões em comentários no Word. Os textos que reviso sempre são devolvidos aos autores para conferência, aceite das alterações e realização das mudanças solicitadas. Quando os autores devolvem essa versão final, utilizo a ferramenta de comparação do Word para verificar se não foram feitas outras alterações não solicitadas e indevidas.

6 – Normalmente, você conversa com o autor do texto revisado para tirar alguma dúvida?

Sim, as dúvidas são enviadas por meio de balões de comentários. Quando o problema é muito grande, chamo o autor para conversar presencialmente, e às vezes os autores decidem vir conversar por conta própria, por não lidarem tão bem com a ferramenta de controle de alterações do Word ou porque foram solicitadas mudanças maiores no texto.

7 – Você costuma realizar nova revisão depois de ajustar o texto e repassá-lo ao autor?

Sim, mas é uma revisão superficial. Utilizo a ferramenta de comparação do Word para verificar que alterações foram feitas, se houve alguma alteração indevida; procuro observar os co(n)textos em que as alterações ocorreram, para verificar se alguma concordância ficou inadequada após as alterações; e utilizo o corretor ortográfico do Word para sanar algum problema ortográfico que tenha permanecido.

8 – Como é feita a leitura do material a ser revisado? Você lê todo o texto antes de iniciar a revisão? Como ocorre o processo de revisão?

Não leio todo o texto antes de começar; vou lendo e já fazendo as correções. Não consigo fazer uma primeira leitura mais global e depois deter-me nos problemas, tanto porque não consigo deixar para corrigir os problemas depois, como porque o prazo para a revisão do texto é curto.

9 – Quanto tempo, em média, você leva para revisar um texto?

Meu prazo padrão é 10 páginas A4 por turno de trabalho (6 horas). Logicamente, há dias em que consigo produzir mais, outros menos. Tenho consciência de que minha leitura é demorada e que preciso torná-la mais eficiente. Quando necessário, consigo revisar de forma mais rápida, mas tenho menos tempo para refletir sobre o texto, então pode acontecer de mudanças maiores não serem sugeridas e de mais problemas deixarem de ser notados.

10 – No seu entender, qual é o papel da leitura no processo de revisão de textos?

A leitura é essencial, caso se considere que o revisor não deve apenas corrigir ortografia e gramática, mas procurar melhorar o texto, torná-lo mais claro e coeso, verificar sua coerência. Tudo isso requer uma leitura atenta – mesmo a correção da ortografia requer atenção, pois muitas vezes problemas ortográficos passam despercebidos quando se faz uma leitura mais global. Mudanças maiores requerem ainda mais da leitura, pois é necessário entender o sentido do texto para que seja possível sugerí-las. Problemas de concordância também requerem uma leitura mais detida, pois muitas vezes o sentido que determina a concordância não está tão explícito (por exemplo, uma palavra em determinada frase pode concordar com duas ou mais palavras e, dependendo dessa escolha, o sentido do texto é alterado).

11 – Para você, o que é necessário para se tornar um bom revisor de textos?

É necessário conhecer bem a língua portuguesa, escrever bem (para o caso de ser necessário reescrever trechos ou propor mudanças maiores), ser detalhista, desconfiar de tudo (inclusive do próprio conhecimento), pesquisar muito para evitar corrigir o que já está certo, e saber onde pesquisar. É desejável também ter uma bagagem de conhecimento geral, que permite detectar inconsistências, incoerências ou trechos obscuros em textos das mais variadas áreas do conhecimento.

Anexo 3 – Respostas dadas pelos voluntários

E) Respostas de R5



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos
Aluna: Aline Schaun

Este questionário, elaborado como parte de pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso, tem como objetivo refletir sobre o trabalho de revisão de textos.

1 – Você possui formação acadêmica? Se sim, qual? Quando e onde ela foi realizada?

Sou formado em Letras – Licenciatura de Língua Portuguesa (2013) e mestre em Estudos da Linguagem (2016).

2 – Há quanto tempo você trabalha com revisão de textos?

Trabalho como revisor desde 2013, quando me formei.

3 – Você trabalha como freelancer ou é revisor(a) contratado(a) por alguma empresa?

Trabalho como freelancer.

4 – Que tipo de texto você revisa?

- () Textos didáticos
- (X) Textos acadêmicos (monografias, dissertações, teses etc.)
- () Textos jurídicos
- () Textos literários
- () Textos jornalísticos/publicitários
- () Outros:

5 – Como você procede ao revisar um texto? Ao revisar, você separa os problemas gramaticais dos elementos responsáveis pela coerência e compreensão de um texto?

Ao revisar um texto, no que toca à língua portuguesa, aplico a norma gramatical, entretanto considero as escolhas do autor nos casos facultativos, por exemplo: alguém que queira utilizar artigo antes de pronome possessivo não deve ser impedido disso. Entretanto, entendo que o autor te procurou – no caso de revisão de textos acadêmicos – principalmente para sanar desvios gramaticais. Há casos em que o problema gramatical influí na compreensão do texto. Nestes eu faço um comentário indicando os efeitos de sentido da alteração e pergunto ao autor se ele concorda ou não com a alteração. No mais, quando o problema envolve coerência e compreensão textual, faço um comentário sobre o problema identificado e faço sugestões, pedindo que ele reescreva para que eu proceda à revisão.

6 – Normalmente, você conversa com o autor do texto revisado para tirar alguma dúvida?

Sim.

7 – Você costuma realizar nova revisão depois de ajustar o texto e repassá-lo ao autor?

Sim, é feita uma primeira revisão com comentários e alterações. Em seguida, após a apreciação do autor – que em alguns casos precisa reescrever trechos, faço uma segunda revisão, aceitando as alterações e lendo os comentários deixados pelo autor na escrita dele.

8 – Como é feita a leitura do material a ser revisado? Você lê todo o texto antes de iniciar a revisão? Como ocorre o processo de revisão?

A leitura do material a ser revisado é feita, normalmente, em arquivo digital. Poucas vezes li o texto antes de revisar, faço isso apenas quando se trata de texto menor.

9 – Quanto tempo, em média, você leva para revisar um texto?

Isso depende muito. Mas considero saudável uma média de 20 laudas (16000 caracteres com espaço) por dia.

10 – No seu entender, qual é o papel da leitura no processo de revisão de textos?

Central, pois o revisor é isto mesmo, um leitor.

11 – Para você, o que é necessário para se tornar um bom revisor de textos?

Em resumo, para se tornar um bom revisor, considero que é preciso dominar a “gramática” da língua e os processos de construção textual. Também, o revisor deve

ser um leitor assíduo e crítico, capaz de perceber as contradições possíveis entre as ideias contidas no texto do autor. Nesse sentido, o revisor não deve ser entendido como um corretor de textos, mas como um profissional cuja finalidade é agir no texto de modo a prepará-lo para o meio social em que ele é requisitado.



Anexo 3 – Revisão Analisada

F) Revisão de R1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO

Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos

Texto a ser revisado - pesquisa de Aline Schaun

Alguns escritores, com o propósito de minimizar possíveis falhas, incoerências ou inadequações durante a atividade de escrita, revisam seus próprios textos. Dessa forma, essa revisão torna-se dificultosa para aquele que está diretamente envolvido na criação, pois o autor está muito próximo de sua escrita - o que o impede de perceber os erros por ele cometidos e, por esse motivo, a revisão deve ser desenvolvida por um profissional capacitado: o revisor de textos.

O revisor precisa ter, como suas características próprias, um bom conhecimento de mundo e de cultura geral. Além disso, dominar o uso dos gêneros textuais faz do revisor um profissional apto a trabalhar com os mais variados textos que circulam em nossa sociedade.

Ser um bom revisor exige muita dedicação e estudos, uma vez que o texto - que é seu material de trabalho - é elaborado por diferentes pessoas, das mais variadas áreas de conhecimento e de atuação, por isso a necessidade do revisor estar informado e, ao longo de sua carreira, se atualizar, recorrendo a cursos de reciclagem e à leitura de manuais de boa gramática.

Portanto, ao realizar a revisão textual, é imprescindível que o revisor analise o texto de modo geral, compreendendo o seu sentido e a mensagem que pretende transmitir por meio do que está escrito.

Ainda, o revisor não pode deter-se somente à revisão ortográfica e de sintaxe; ele deve levar em conta os fatores externos que interferem na

construção do texto, como todos os elementos que constituem o sentido, o estilo do autor e a quem o texto se destina.

COMENTÁRIO:

Então, primeiramente, li o texto inteiro, sem realizar correções. Depois disso, corrigi todos os erros de gramática, e li mais uma vez, para entender melhor o contexto e fiz algumas alterações pequenas para melhorar a coerência e coesão, facilitando a leitura.

Anexo 3 – Revisões Analisadas

G) Revisão de R2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos
Texto a ser revisado - pesquisa de Aline Schaun

Alguns escritores, com o propósito de minimizar possíveis falhas, incoerências ou inadequaçõesx durante a atividade de escrita, revisam seus próprios textos. Logo, essa revisão, para a pessoa que está diretamente envolvida na criação, é um tanto difícil/xxxxxxxxxx, pois xxxx fica muito próxima de seus escritos, o que a impedex de perceber os erros cometidos, e é por esse motivo que a revisão precisa ser desenvolvida por um profissional capacitado – o revisor de textos.

O revisorx precisa ter, como xxxx características próprias, um bom conhecimento do mundo e uma boa cultura geral. Dominar os usos dos gêneros textuais faz do revisor um profissional apto a trabalhar com os mais variados textos que circulam na nossa sociedade. Ser um bom revisor exige muita dedicação e estudos, uma vez que o texto, que é seu material de trabalho, é elaborado pelas mais diferentes pessoas, nas mais variadas áreas de conhecimento e de atuação, daí a necessidade de o revisor estar informado e atualizado, recorrendo, ao longo de sua carreira, a cursos de reciclagem e à leitura de manuais e de boas gramáticas.

Portanto, ao realizar a revisão textual, é imprescindível que ox revisor analisex o texto de um modo geral, compreendendo o seu sentido e a mensagem que pretende transmitir através do que está escrito. Também, o revisor não pode deter-se somente a uma revisão ortográfica e de sintaxe. Ele deve levar em conta os fatores externos que interferem na construção de um

texto, todos os elementos que lhe constituem o sentido, o estilo do autor, bem como a quem o texto se destina.

Texto revisado

Alguns escritores, com o propósito de minimizar possíveis falhas, incoerências ou inadequações durante a atividade de escrita, revisam seus próprios textos. Logo, essa revisão, para a pessoa que está diretamente envolvida na criação, é um tanto difícil, pois fica muito próxima de seus escritos, o que a impede de perceber os erros cometidos, e é por esse motivo que a revisão precisa ser desenvolvida por um profissional capacitado – o revisor de textos.

O revisor precisa ter, como características próprias, um bom conhecimento do mundo e uma boa cultura geral. Dominar os usos dos gêneros textuais faz do revisor um profissional apto a trabalhar com os mais variados textos que circulam na nossa sociedade. Ser um bom revisor exige muita dedicação e estudos, uma vez que o texto, que é seu material de trabalho, é elaborado pelas mais diferentes pessoas, nas mais variadas áreas de conhecimento e de atuação, daí a necessidade de o revisor estar informado e atualizado, recorrendo, ao longo de sua carreira, a cursos de reciclagem e à leitura de manuais e de boas gramáticas.

Portanto, ao realizar a revisão textual, é imprescindível que o revisor analise o texto de um modo geral, compreendendo o seu sentido e a mensagem que pretende transmitir através do que está escrito. Também, o revisor não pode deter-se somente a uma revisão ortográfica e de sintaxe. Ele deve levar em conta os fatores externos que interferem na construção de um texto, todos os elementos que constituem o sentido, o estilo do autor, bem como a quem o texto se destina.

Comentários:

Não trabalho com marcadores de revisão. Faço as correções e insiro comentários pertinentes, se necessários. Neste texto, por exemplo, somente duas alterações mereceriam uma ressalva:

- 1 Na terceira linha do primeiro parágrafo: troca de ordem na frase *diretamente*
- 2 Na penúltima linha do último parágrafo: todos os elementos que *lhe* constituem o sentido.

O **Ihe** foi inserido por ser o pronome possessivo que substitui o eventual uso dúvida de **seu** sentido (**sentido do texto**)

No mais, ortografia, pontuação e sintaxe foram corrigidas automaticamente durante a leitura, e as explicações só seriam dadas por mim na hipótese de uma exigência por parte do autor. Nesses casos, eu usaria numeração no texto original recebido e faria as observações pela ordem em que apareceressem.

Nota: Fiquei na dúvida se teria a liberdade de usar conectores e/ou abrir parágrafos. Para mim, faltou coesão no segundo parágrafo (Dominar .../Ser um bom revisor...)

Anexo 3 – Revisões Analisadas

H) Revisão de R3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO

Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos

Texto a ser revisado - pesquisa de Aline Schaun

Alguns escritores, com o propósito de minimizar possíveis falhas, incoerências ou inadequações, durante a atividade de escrita, revisam seus próprios textos. Logo, essa revisão, para a pessoa que, diretamente, está envolvida na criação, é um tanto difícil, pois o autor fica muito próximo de seus escritos, o que os impedem de perceber os erros por eles cometidos e, é por esse motivo, que a revisão precisa ser desenvolvida por um profissional capacitado – o revisor de textos.

[SD1] Comentário:

[SD2] Comentário: Impede o autor

O revisor, precisa ter, como suas características próprias básicas, um bom conhecimento de mundo e uma boa cultura geral. Dominar os usos dos gêneros textuais faz do revisor um profissional apto a trabalhar com os mais variados textos que circulam socialmente. Ser um bom revisor exige muita dedicação e estudo, uma vez que o texto que é seu material de trabalho, é elaborado pelas mais diferentes pessoas, nas mais variadas áreas de conhecimento e de atuação. Daí à necessidade de o revisor estar informado e atualizado, recorrendo, ao longo de sua carreira, a cursos de reciclagem e à leitura de boas gramáticas.

Portanto, ao realizar a revisão textual, é imprescindível que o revisor analise o texto de um modo geral, compreendendo o seu sentido e a mensagem que pretende transmitir, através do que está escrito. Também, o revisor não pode deter-se somente a uma revisão ortográfica e de sintaxe sintática, ele deve levar em conta, também, os fatores externos que interferem na construção de um texto, todos os elementos

que constituem o sentido, o estilo do autor, bem como a quem o texto se destina.

ESTRATÉGIAS USADAS PARA A REVISÃO:

Num primeiro momento, leio cada parágrafo já fazendo as devidas alterações no que se refere à pontuação; numa segunda leitura, ajusto as inadequações linguísticas e semânticas.

Anexo 3 – Revisões Analisadas

I) Revisão de R4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos
Texto a ser revisado – pesquisa de Aline Schaun

Alguns escritores e Com o propósito de minimizar possíveis falhas, incoerências ou inadequações, alguns escritores durante a atividade de escrita revisam seus próprios textos durante a atividade de escrita. Logo, e Essa revisão feita para-pela pessoa que diretamente está diretamente envolvida na criação; do texto é um tanto difícil, pois a proximidade do autor fica muito próximo de seus próprios escritos, e que os impedem de perceber os erros por eles cometidos. E é por esse motivo que a revisão precisa ser desenvolvida por um profissional capacitado – o revisor de textos.

O revisor, precisa ter como suas características próprias um bom conhecimento de mundo e uma boa cultura geral. Dominar os usos dos gêneros textuais faz do revisor um profissional apto a trabalhar com os mais variados textos que circulam na nossa sociedade. Ser um bom revisor exige muita dedicação e estudos, uma vez que o texto – que é seu material de trabalho – é elaborado pelas mais diferentes pessoas, nas mais variadas áreas de conhecimento e de atuação, daí à necessidade de o revisor estar informado e atualizado, recorrendo, ao longo de sua carreira, a cursos de reciclagem e à leitura de manuais e de boas gramáticas.

Portanto, ao realizar a revisão textual, é imprescindível que o revisor analise o texto de um modo global, compreendendo o seu sentido e a mensagem que pretende transmitir, através do que está escrito. Além disso, também o revisor não pode se restringir a uma revisão ortográfica e de sintaxe; ele deve levar em conta os fatores externos que interferem na construção de um texto, todos os elementos que constituem seu sentido, o estilo do autor, bem como a quem o texto se destina.

[TR1] Comentário: sugestão: substituir por sinônimo mais usual, para dar clareza e facilitar o entendimento do texto (a intenção foi dizer "difícil"? a revisão é difícil ou pode ser problemática?)

[TR2] Comentário: a ordem de alguns trechos foi alterada para dar melhor fluência ao texto

[TR3] Comentário: sugestão: deve

[TR4] Comentário: sugestão: , além de dominar os usos dos gêneros textuais, o que o torna apto a trabalhar com os mais variados textos que circulam na nossa sociedade

[TR5] Comentário: sugestão: "o público-alvo do texto" (para manter paralelismo na enumeração: os fatores, os elementos, o estilo, o público-alvo)

[TR6] Comentário: Métodos/estratégias utilizadas: primeiramente selecionei todo o texto e configurei o corrector ortográfico para o idioma Português do Brasil, para facilitar a correção de erros de ortografia que muitas vezes passam despercebidos. Depois, fui lendo o texto, frase por frase, fazendo as correções e melhorias que julguei necessárias, e relendo cada parágrafo para conferir se deixei passar alguma coisa.

Em alguns casos (como no da palavra "difículta") consultei o dicionário para verificar a existência da palavra, seu sentido e possíveis sinônimos. Em outros casos (como no do verbo "deter-se") consultei a regência do verbo, tanto no dicionário Houaiss como no google (infelizmente não conto com um dicionário de regências no momento, mas sei que esse seria o material mais indicado para tal verificação).

Sinto que o texto precisaria de maior fluência, mas em diversos casos não soube como resolver.

Anexo 3 – Revisões Analisadas

J) Revisão de R5



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos

Texto a ser revisado - pesquisa de Aline Schaun

Alguns escritores, com o propósito de minimizar possíveis falhas, incoerências ou inadequações, durante a atividade de escrita, revisam seus próprios textos. Logo, essa revisão para feita por uma pessoa que diretamente está envolvida na criação, é um tanto difícil, pois os autores ficam muito próximos de seus escritos, o que os impede de perceber os erros por eles cometidos. E por esse motivo que a revisão precisa ser desenvolvida por um profissional capacitado – o revisor de textos.

O revisor, precisa ter como suas características próprias um bom conhecimento de mundo e uma boa cultura geral. Dominar os usos dos gêneros textuais faz do revisor um profissional apto a trabalhar com os mais variados textos que circulam na nossa sociedade. Ser um bom revisor exige muita dedicação e estudos, uma vez que o texto, que é seu material de trabalho, é elaborado pelas mais diferentes pessoas, nas mais variadas áreas de conhecimento e de atuação, daí à necessidade do revisor estar informado e atualizado, recorrendo, ao longo de sua carreira, a cursos de reciclagem e a leitura de mauais e de boas gramáticas.

Portanto, ao realizar a revisão textual, é imprecindível que os revisores analisem o texto de um modo geral, compreendendo o seu sentido e a mensagem que pretende transmitir, através do que está escrito. Também o revisor não pode deter-se somente em uma revisão ortográfica e de sintaxe sintática, ele deve levar em conta os fatores externos que interferem na

[mv1] **Comentário:** Rever sentido e mesmo necessário da conjunção. Note que as informações ligadas não estabelecem uma relação de conclusão lógica uma da outra.

[mv2] **Comentário:** Sugestão: para reduzir a dimensão do último período, bastante estenso, sugiro pontuar e iniciar outro período com a mesma informação.

[mv3] **Comentário:** Retirei o pronome e transformei a informação em apostrofe para não repetir o "que", já dito antes. O que acha? Pode-se manter como estava.

[mv4] **Comentário:** imprecindível é algo que não se prescinde, algo necessário, e disso que fala seu texto, de algumas necessidades que o revisor cumpra para a realização adequada de seu trabalho.

construção de um texto, todos os elementos que constituem o seu sentido, o estilo do autor, bem como a quem o texto se destina.

[Inv5] Comentário: Acrescentei para estabelecer uma coesão mais direta.

Aline, o modo como procedi a revisão é, basicamente, o seguinte: adequação à norma gramatical brasileira e sugestões de ajustes de sentido através da coesão e coerência. Assim, quando se trata de uma alteração que é justificada pela normal gramatical, apenas modifico e encaminho para que o autor confira. Há casos, como a colocação pronominal, que é adequado observar-se o gênero de texto revisado, pois pode soar pedante certas colocações em alguns contextos. Há outros casos, de modo que deve o revisor prezar sempre por uma leitura mais ampla, discursiva, comunicativa, e não restrita à gramática. Noutros casos, quando farei uma alteração que não é justificada pela gramática, mas que envolve o sentido – e mesmo certas questões de estilo, insiro um comentário, justificando a alteração. Em seguida, após uma primeira revisão e preparação do material textual, encaminho o texto para o autor, que pondera sobre minhas alterações e sugestões, reencaminha o texto para que eu faça os aceites e revise novamente o texto – uma forma de prezar pela qualidade.